

Memorando sobre o CAPN 2014 (Proença-a-Nova)



João Carlos Caninas
(Director do CAPN)

Isabel Gaspar
(Coordenadora - CMPN)

Ficha técnica

Localização: distrito, concelho, freguesia, lugar

Castelo Branco, Proença-a-Nova, União das Freguesias de Proença-a-Nova e Peral, Moitas

Data de execução do trabalho de campo

4 a 31 de Agosto de 2014

Equipa

João Carlos Caninas (JCC), arqueólogo. **Mário Monteiro** (MM), arqueólogo. **André Pereira** (AP), arqueólogo. **Francisco Henriques** (FH), arqueólogo. **Paulo Félix** (PF), arqueólogo. **Cátia Mendes**, (CM), mestranda de Arqueologia. **Emanuel Carvalho** (EC) assistente de arqueólogo.

Além da coordenação a equipa de campo contou com a participação de licenciados e alunos de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, da Universidade de Alcalá de Henares, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL), da Universidade do Algarve, da Universidade de Santiago de Compostela, da Universidade Federal de Minas Gerais, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (UL) e de jovens provenientes do concelho de Proença-a-Nova e do distrito de Castelo Branco (ver **Anexo 5**).

Isabel Gaspar (IG) e **António Sequeira** (AS), técnicos da Câmara Municipal de Proença-a-Nova: supervisão, acompanhamento e apoio logístico às actividades do Campo.

Parcerias técnico-científicas

Professor Doutor **Jorge de Oliveira**, CHAIA (Centro de História da Arte e Investigação Artística) - Universidade de Évora: apoio científico em Arqueologia.

Professor Doutor **José Mirão** e Professora Doutora **Cristina Dias**, Laboratório Hércules – Universidade de Évora: apoio em geologia e análises químicas e conferencista.

Professora Doutora **Primitiva Bueno**, Universidade de Alcalá de Henares: colaboração através da indicação de alunos para participação no CAPN.

Professora Doutora **Teresa Matos Fernandes**, Universidade de Évora: apoio no estudo de materiais osteológicos humanos.

Professor Doutor **António Correia**, Centro de Geofísica, Universidade de Évora: conferencista.

Professora Doutora **Maria de Jesus Sanches**, Faculdade de Letras da Universidade do Porto: colaboração através da indicação de alunos para participação no CAPN.

Professora Doutora **Raquel Vilaça**, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: colaboração através da indicação de alunos para participação no CAPN.

Professora Doutora **Leonor Rocha**, doutorada em Arqueologia, Universidade de Évora: conferencista.

Doutor **António Gonzalez Cordero** (AGC), arqueólogo, Fundación-Museo Antonio Concha: colaboração na coordenação dos trabalhos de campo e conferencista.

Doutor **Nelson Almeida**, doutorado em Arqueologia, Universidade de Évora: conferencista.

Dr **Carlos Neto de Carvalho**, geólogo, Geoparque Naturtejo: conferencista e orientador de visitas de estudo.

Técnico **Hugo Pires**, topógrafo, Superfície Lda: execução de registos tridimensionais de rochas gravadas e conferencista.

Mestre **João Araújo Gomes**, doutorando em Arqueossismologia, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território - Universidade de Lisboa: conferencista.

Mestre **Paulo Lima**, mestre em Arqueologia, FLUP: conferencista.

Mestre **Gonçalo Ferreira**, mestre em Arqueologia, FLUP: conferencista.

Fontes de financiamento

Câmara Municipal de Proença-a-Nova: apoio logístico e financiamento dos trabalhos.

EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia: apoio logístico e técnico.

Associação de Estudos do Alto Tejo: apoio logístico.

Índice

1. Objectivos e trabalhos arqueológicos	05
2. Programa e meios	06
3. Os parceiros	10
4. Os participantes	11
5. Avaliação	11
6. Anexos	13
6.1. Meios de divulgação e documentação	13
6.2. Notícias na imprensa regional	19
6.3. Equipa de coordenação de campo	22
6.4. Parceiros técnico-científicos	25
6.5. Lista dos participantes	26
6.6. Escavação da mamoa do Cabeço da Anta	32
6.7. Escavação da mamoa do Vale de Alvito	36
6.8. Visitas de estudo	39
6.9. Palestras e resumos	46
6.10. Avaliação pelos participantes	62

1. Objectivos e trabalhos arqueológicos executados

O Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) é um dos modelos de concretização do acordo estabelecido entre a Câmara Municipal de Proença-a-Nova e a Associação de Estudos do Alto Tejo visando a valorização do património arqueológico municipal, nos três seguintes domínios:

- (1) inventário do património arqueológico imóvel municipal (linha de acção coordenada por Francisco Henriques);
- (2) estudo e valorização de sepulturas pré-históricas monticulares, integradas no percurso pedestre PR1 PN - História na Paisagem (linha de acção coordenada por João Caninas);
- (3) estudo e valorização das estruturas militares, de idade moderna-contemporânea, integradas na Linha Defensiva das Talhadas – Moradal e em percurso pedestre (linha de acção coordenada por Mário Monteiro).

O CAPN realizou-se pela primeira vez em 2012 com a escavação e reconstrução da anta do Cão do Ribeiro.

Em 2013, já com âmbito internacional, foram iniciadas escavações arqueológicas em duas outras sepulturas megalíticas monticulares também integradas no PR1 PN e localizadas nas Moitas, nos sítios denominados Cabeço da Anta e no Alto do Vale de Alvito. Os trabalhos no monumento do Cabeço da Anta, que se apresenta envolvido por mamoa de grande dimensão, foram precedidos por diagnóstico geofísico tendo em vista orientar a táctica de escavação. Os trabalhos no Alto do Vale de Alvito foram executados por equipa reduzida, fora do contexto do Campo internacional, tendo-se iniciado na câmara funerária.

Em 2014 os trabalhos prosseguiram naqueles dois monumentos em simultâneo tendo sido integrados no calendário do Campo internacional, embora tenha havido um prolongamento dos trabalhos no monumento do Cimo do Vale de Alvito, com equipa reduzida, após o Campo Internacional. Em cada um daqueles monumentos, os trabalhos desenvolveram-se em três sectores diferenciados.

No Cabeço da Anta os trabalhos (**Anexo 6.6**) prosseguiram na câmara funerária em profundidade, não atingindo o fim desta. Foi possível documentar um câmara de nove esteios, estando ausente um deles. Um dos esteios presentes é de quartzito e segundo o geólogo da Naturtejo (Carlos Neto de Carvalho) pode ser originário da zona das Portas do Almourão o que pode indicar um transporte superior a 10 km de distância. Foi documentada uma pedra de fecho da passagem da câmara para o corredor, indiciando a orientação deste. Foi iniciado o desmonte de uma segunda sanja radial, desde a câmara até à periferia da mamoa. Este trabalho pôs à vista a alguma profundidade um nível de pedras imbrincadas (couraça) em toda a extensão da sanja e uma estrutura de marcação da periferia do monumento, com características morfológicas e litológicas diferentes da couraça. Finalmente, uma terceira frente de trabalho consistiu no alargamento e afundamento da escavação em sector adjacente à câmara funerária e coalescente com a sanja aberta em 2013 na direcção noroeste. Este trabalho revelou outro trecho de couraça pétrea muito bem conservada, subjacente a uma camada espessa de argila.

Na sepultura megalítica do Alto do Vale de Alvito (**Anexo 6.7**) os trabalhos concentraram-se na escavação da câmara funerária, trabalho que ficou concluído em Dezembro de 2014, com a identificação de mais dois esteios partidos, para além dos que se mantinham completos, e as fundações de outros quatro que foram arrancados. Estes esteios delimitavam a câmara funerária que se abria para um corredor que foi aflorado na zona contígua à câmara, e só marginalmente evidenciado, ao nível da entrada e da estrutura de cobertura com lajes transversais dispostas horizontalmente. Uma segunda frente consistiu no desmonte integral de uma sanja radial de diagnóstico da estrutura da mamoa. Esta sanja foi posicionada para nordeste de um dos esteios completos e atingiu a periferia do monumento, evidenciada por uma estrutura lítica relativamente discreta. A mamoa na área sondada apresentava-se constituída quase exclusivamente por argila não conservando couraça líticas como as que se documentaram em Cabeço da Anta. Uma terceira frente consistiu na escavação de um pequeno sector na mamoa, o qual se revelou não ter interesse prosseguir.

Os trabalhos arqueológicos efectuados em cada um destes monumentos serão documentados com relatórios técnico-científicos individualizados.

2. O programa e meios

O programa do CAPN 2014, documentado no quadro seguinte, e embora centrado nas escavações arqueológicas da mamoa do Cabeço da Anta e da mamoa do Alto de Vale de Alvito, incluiu muitas outras acções de carácter formativo, informativo e lúdico, de frequência obrigatória para os participantes do CAPN e abertas à comunidade local.

Essas acções foram:

- a) quinze palestras (**Anexo 6.9**), ou conferências, a cargo de técnicos e especialistas portugueses de diversas áreas (arqueologia, física, geologia), tendo sido abordados temas arqueológicos regionais locais e regionais mas também diversas arqueociências, nomeadamente análise química de materiais, a geofísica, a arqueossimologia, a digitalização tridimensional de rochas gravadas e a aplicação de fotografia multiespectral a pintura rupestre;
- b) duas visitas de estudo (**Anexo 6.8**), com repetição, a sítios de interesse cultural, natural e ambiental situados nos concelhos de Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão, nomeadamente, o recinto muralhado do Chão de Galego e as Portas do Almourão, na Serra das Talhadas, o Forte das Baterias, pertencente ao dispositivo militar da Linha das Talhadas-Moradal, a aldeia de Figueira, em Proença-a-Nova, as Portas de Ródão e o Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Tejo, em Vila Velha de Ródão;

Programa de actividades do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova em 2014

Dia/mês	Manhã	Tarde
04 Agosto	Sessão de boas vindas 6h30-12h30. Escavação	18h00-19h30 – Palestra 1
05 Agosto		Livre
06 Agosto		15h30-19h30. Visita de estudo 1
07 Agosto		Livre
08 Agosto		16h30-19h00. Prática de campo 1
09 Agosto		17h00-18h30 – Palestra 2 ■ 18h30-20h00 – Palestra 3
10 Agosto		Livre
11 Agosto	6h30-12h30. Escavação	18h00-19h30 – Palestra 4
12 Agosto		Livre
13 Agosto		15h30-19h30. Visita de estudo 2
14 Agosto		Livre
15 Agosto		17h00-18h30 – Palestra 5 ■ 18h30-20h00 – Palestra 6
16 Agosto		Livre
17 Agosto	Partida do 1º Grupo	
18 Agosto	Sessão de boas vindas 6h30-12h30. Escavação e Prática de campo 2 (dias 21 e 22)	18h00-19h30 – Palestra 7
19 Agosto		Livre
20 Agosto		15h30-19h30. Visita de estudo 1
21 Agosto		17h00-18h30 – Palestra 8 ■ 18h30-20h00 – Palestra 9
22 Agosto		Livre
23 Agosto		18h00-19h30 – Palestra 10
24 Agosto		Livre
25 Agosto	6h30-12h30. Escavação	18h00-19h30 – Palestra 11
26 Agosto		Livre
27 Agosto		15h30-19h30. Visita de estudo 2
28 Agosto		Livre
29 Agosto		17h00-18h30 – Palestra 12 ■ 18h30-20h00 – Palestra 13
30 Agosto		17h00-18h30 – Palestra 14 ■ 18h30-20h00 – Palestra 15
31 Agosto	Partida do 2º Grupo	

Horário geral da escavação arqueológica	Pequeno-almoço (a partir de)	05h30	Retoma do trabalho de campo	10h00
	Partida para campo	06h00	Regresso a casa	12h30
	Início do trabalho de campo	06h30	Almoço	14h30
	Paragem a meio da manhã	09h30	Jantar	20h00

c) prática de campo 1: como simulação de prospecção arqueológica foi executada, com todos os participantes, uma jornada de reconhecimento de estruturas muralhadas antigas na Serra do Moradal (Oleiros) reconhecidas pelo geólogo Daniel Gonçalves no decurso da definição da Grande Rota Muradal - Pangeia (trilo Internacional dos Apalaches);

d) digitalização tridimensional de rochas gravadas: o técnico Hugo Pires além da conferência que proferiu acerca deste método de representação gráfica fez demonstração do mesmo aplicando-o ao painel com gravuras lineares denominado Pedra das Letras (Proença-a-Nova) e a um dos dois esteios do monumento funerário do Cima do Vale de Alvito no qual se detectaram círculos picotados. O registo efectuado na Pedra das Letras foi apresentado por H. Pires, J. Caninas e F. Henriques, em Manchester, em Dezembro de 2014, na TAG Conference, numa comunicação sobre o tema incluindo outras rochas gravadas do Centro de Portugal, com o título *Recording engravings in Central Portugal using 3D scanning and Morphological Residual Models in multiple archaeological and geological contexts* (atalho abaixo). Esta apresentação foi repetida este ano no II Congresso Internacional da Região de Castelo Branco (Abril de 2015) com o título *Aplicação do Modelo de Resíduo Morfológico no registo de grafismos rupestres na Beira Interior*;

https://www.academia.edu/10182013/Recording_engravings_in_Central_Portugal_using_3D_scanning_and_Morphological_Residual_Models_in_multiple_archaeological_and_geological_contexts



e) recolhas de amostras de argila das mamoadas para análises química, mineralógica e sedimentológica: no âmbito da colaboração acordada com o Laboratório Hércules (Universidade de Évora) o Prof. Doutor José Mirão fez recolhas de argila com vista a determinar a sua composição, proveniência e utilização na construção das estruturas monticulares que envolvem as sepulturas megalíticas;

f) fotografia multiespectral: aproveitando a presença do arqueólogo Paulo Lima foi feito um ensaio de registo fotográfico do painel com pinturas rupestres das Portas do Almourão tendo em vista aprofundar o seu estudo com a aplicação do referido método;

g) prospecção arqueológica: fora do calendário do Campo decorreram trabalhos de prospecção arqueológica visando reconhecer as 95 antas que consubstanciam o inventário Leisner, publicado por Vera Leisner (atítulo póstumo) & Philine Kalb na série Die Megalithgraber Der Iberischen Halbinsel (Os monumentos megalíticos da Península Ibérica). Estes trabalhos foram coordenados por F. Henriques e contaram com a participação de técnicos da Câmara Municipal;

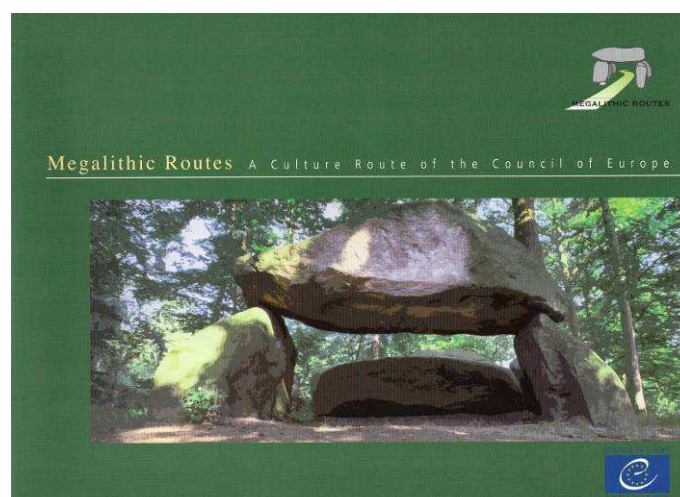
Em Abril de 2015 participou-se no II Congresso Internacional da Região de Castelo Branco com uma comunicação intitulada *Arqueologia de Proença-a-Nova: estado dos conhecimentos*, que foi subscrita por F. Henriques, J. Caninas, M. Monteiro, C. Mendes, A. Pereira, P. Félix e E. Carvalho, e que será publicada no

livro de actas daquele congresso, promovido pela Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares de Proença Jr.



A execução dos trabalhos arqueológicos foi autorizada pela Direcção Regional de Cultura do Centro, pelos proprietários da anta do Cabeço da Anta, Senhores Diamantino Ribeiro Cristóvão, José Adelino Ribeiro Cristóvão e Helena Fernandes Lopes, e pelo proprietário da anta de Vale de Alvito, Sr. José Luis Cardoso Dias.

Os trabalhos de escavação arqueológica foram visitados por todos conferencistas, pelos Senhores vereadores da Câmara Municipal de Proença-a-Nova, João Manso e João Lobo, pela Dr^a Helena Moura, arqueóloga-fiscal da Direcção Regional de Cultura do Centro, pela Coordenadora das Rotas Megalíticas do Conselho da Europa (em visita ao Geoparque Naturtejo), pelo Professor Chris Scarre (fotografia seguinte), da Universidade de Durham, no Reino Unido, em março de 2015, pela Dr^a Celeste Capelo e pelo Dr. Pedro Salvado, da Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares de Proença Jr, em Castelo Branco, e por diversos jornalistas (imprensa regional).





O bom desenvolvimento, e o sucesso, do CAPN 2014 beneficiou, mais uma vez, do forte empenhamento e prontidão de diversos técnicos da Câmara Municipal de Proença-a-Nova, nas fases de organização e execução, com destaque para Isabel Gaspar e António Sequeira, ao nível da organização geral e acompanhamento das actividades.

É ainda de realçar, mais uma vez, a simpatia e o bom acolhimento prestado pelo Padre Ilídio no Seminário do Preciosíssimo Sangue, onde ficaram alojados os participantes do CAPN 2013, pelos funcionários da Cafeteria do Parque Urbano onde decorreram as refeições e pelos funcionários dos serviços técnicos da Câmara Municipal, tanto no estaleiro como em campo.

O financiamento foi assegurado quase totalmente pela Câmara Municipal de Proença-a-Nova, com um apoio complementar de EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia, em meios (veículos e equipamento de escavação) e arqueólogos.

3. Os parceiros

O CAPN 2014 teve como parceiros principais, na sua organização e financiamento, a CMPN e a AEAT.

Participaram no CAPN 2014 (**Anexo 6.4**), a Faculdade de Letras da Universidade de Porto, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a Universidade de Alcalá de Henares, com o envio de alunos de Arqueologia para trabalharem como voluntários, a Universidade de Évora (Departamentos de Arqueologia e de Física), os centros de investigação CHAIA e Laboratório Hércules (Universidade de Évora) e as empresas EMERITA e Superfície Geomática, no apoio técnico-científico.

Considera-se ainda a participação, embora indirecta, de muitas outras entidades, às quais se encontram vinculados os oradores convidados que integraram o programa de palestras (**Anexo 6.9**). Refira-se que tal participação ocorreu a título individual e de modo gracioso.

A coordenação dos trabalhos de escavação arqueológica (**Anexo 6.3**) foi assegurada por sete arqueólogos ou técnicos de Arqueologia (Francisco Henriques, Mário Monteiro, André Pereira, Paulo Félix, Emanuel Carvalho e António Gonzalez Cordero), dirigidos por João Caninas, enquanto arqueólogo autorizado pela Direcção Geral do Património Cultural para executar estas intervenções (Cabeço da Anta e Vale de Alvito).

4. Os participantes

Os participantes no CAPN 2014 (**Anexo 6.5**) foram maioritariamente alunos de Arqueologia, de licenciatura e mestrado, de universidades portuguesas e espanholas, tendo sido indicados pelos professores Maria de Jesus Sanches (Porto), Raquel Vilaça (Coimbra) e Primitiva Bueno (Alcalá de Henares).

Estiveram ainda presentes alunos e graduados de outras universidades portuguesas (Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da UL) e estrangeiras (Universidade de Compostela e Universidade Federal de Minas Gerais), além de diversos jovens residentes no concelho ou no distrito de Castelo Branco.

A grande maioria dos participantes permaneceu apenas numa das duas quinzenas em que foi seccionado o Programa.

No início de cada quinzena realizaram-se sessões de recepção e introdução ao Programa do CAPN 2014. Na sessão de despedida da segunda quinzena, que teve lugar na aldeia de Figueira, esteve presente o Senhor vereador Engº João Lobo.

Cada participante recebeu um diploma e um certificado de participação.

5. Avaliação

A coordenação do CAPN promoveu uma avaliação detalhada do CAPN 2014, por parte dos participantes (resposta obrigatória mas não identificada).

Foram considerados 14 temas desde os conteúdos do programa de actividades, a aspectos de organização geral, acolhimento e logística.

Nessa avaliação o testemunho de cada participante é um elemento imprescindível para ajustamentos futuros. Para o efeito elaborou-se um questionário, de resposta rápida, de modo a recolher a informação considerada relevante.

O número de respostas esperadas foi de 34, embora tenham sido registadas 33 respostas . Não responderam a este questionário o director da escavação e os coordenadores.

Os participantes tiveram conhecimento prévio dos conteúdos do questionário tendo recebido, por correio electrónico, uma versão pdf do referido documento, ao qual responderam através de plataforma on-line (google), criada para o efeito, nos dias 14 e 15 de Agosto de 2014, no caso do primeiro grupo, e nos dias 29 e 30 de Agosto, no caso do segundo grupo. A única participante que frequentou os dois períodos quinzenais respondeu ao questionário em cada um dos períodos de resposta considerados

As respostas tiveram uma amplitude variável, de 1 a 5 (1- não satisfaz; 2 – satisfaz pouco; 3 – satisfaz; 4 – satisfaz bastante e 5 – excelente). Pediu-se a cada participante para seleccionar a opção de resposta que melhor se adequava a cada tema. A média que abaixo registamos é o somatório dos valores que se encontram junto dos valores qualitativos, que vão de 1 a 5, divididos por 33, que é o número total das respostas.

Todos os comentários, observações e sugestões registadas pelos participantes na resposta ao questionário foram integrados neste relatório.

O inquérito foi elaborado por Francisco Henriques que também fez o tratamento das respostas agora documentadas. A aplicação google foi executada por Jorge Gouveia: <https://docs.google.com/forms/d/17uB7Jxntlu72G6rN5959VYsBIS4E7XTGQPJ3bJ69y7Y/viewform>

No que concerne à apreciação geral e global do CAPN (Quadro 14) as respostas manifestam um elevado grau de satisfação. A média atingiu 4,7 e o somatório das percentagens das avaliações com “satisfaz bastante” e “excelente” é de 100%.

6 de Maio de 2015

Anexos

6.1. Meios de divulgação e documentação

cartaz

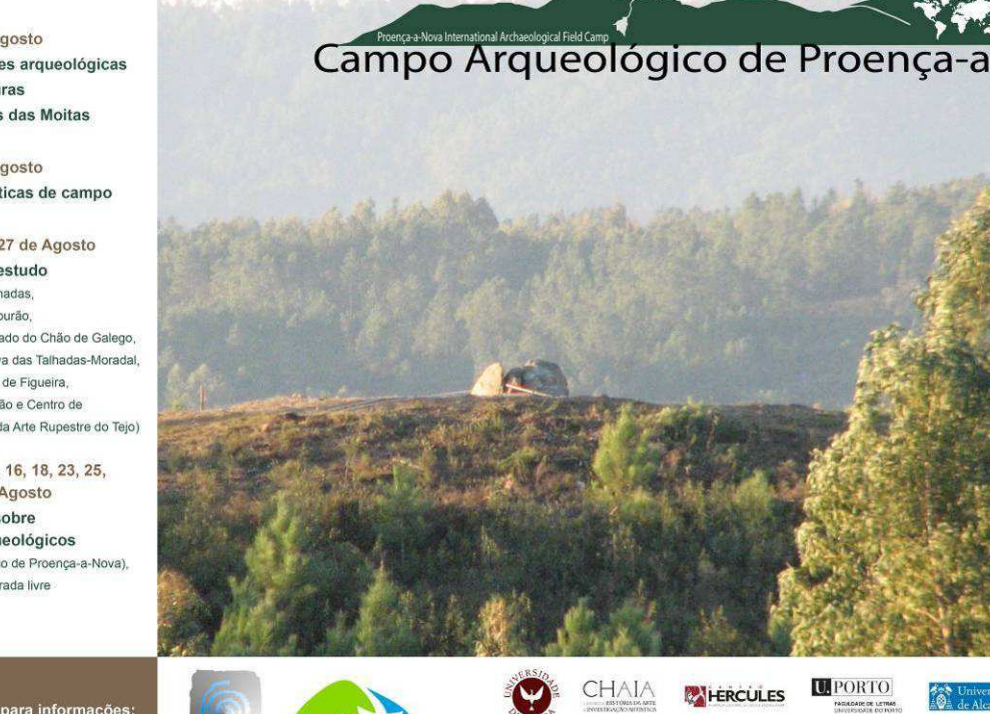
Programa

3 a 30 de Agosto
Intervenções arqueológicas
em sepulturas
megalíticas das Moitas

8 e 22 de Agosto
Outras práticas de campo

6, 13, 20 e 27 de Agosto
Visitas de estudo
(Serra das Talhadas,
Portas do Almourão,
recinto muralhado do Chão de Galego,
Linha Defensiva das Talhadas-Moradal,
aldeia de xisto de Figueira,
Portas de Ródão e Centro de
Interpretação da Arte Rupestre do Tejo)

**4, 9, 11, 15, 16, 18, 23, 25,
29 e 30 de Agosto**
**Palestras sobre
temas arqueológicos**
(Parque Urbano de Proença-a-Nova),
18 horas – entrada livre




2014

Campo Arqueológico de Proença-a-Nova

Proença-a-Nova International Archaeological Field Camp

Contactos para informações:
274 670 000





Índice

	página
Carta de boas vindas	4
Introdução	6
Município de Proença-a-Nova	8
Mapa do concelho de Proença-a-Nova	9
Planta turística da vila de Proença-a-Nova	10
Associação de Estudos do Alto Tejo	12
Programa de actividades do Campo Arqueológico	13
Palestras	14
Visitas de estudo	15
Equipa de coordenação dos trabalhos de campo	16
Parceiros técnico-científicos	18
Lista de participantes	19
Normas de higiene e segurança	20
Contactos úteis	21
Notas	22

diploma e certificado de participação (exemplos)



Certificado de participação

*João Carlos Caninas, arqueólogo e director do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova, certifica que **Irene Salinero Sanchez**, detentora do documento nacional de identidade, de Espanha, nº 09061529, participou de **4 a 16 de Agosto de 2014** no programa de actividades do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova 2014, tendo realizado tarefas de escavação arqueológica na mamoa do Cabeço da Anta (Moitas, Proença-a-Nova), num total de **84 horas**, e participado, com **21 horas**, em acções de carácter formativo, de acordo com o programa anexo, perfazendo um total de **105 horas**.*

Em termos de avaliação qualitativa, destaco a participação empenhada nos trabalhos de escavação arqueológica e a presença assídua nas restantes actividades do Programa do Campo Arqueológico, nomeadamente nas palestras e nas visitas de estudo.

O Campo Arqueológico de Proença-a-Nova é organizado conjuntamente pela Associação de Estudos do Alto Tejo e pela Câmara Municipal de Proença-a-Nova.

Proença-a-Nova, 30 de Dezembro de 2014



João Carlos Caninas



Camisola com logótipo do CAPN em tons de verde



6.2. Notícias em plataformas web e na comunicação social

Foi colocada notícia, em inglês, na Academia.edu em Setembro de 2014 tendo atingido 371 visualizações até Abril de 2015. De 24 de Setembro a 24 de Dezembro de 2014 houve 340 visualizações de investigadores e académicos dos seguintes países: África do Sul, Albânia, Alemanha, Argélia, Austrália, Brasil, Casaquistão, Canadá, Croácia, China, Espanha, Eslovénia, Estados Unidos da América, Federação Russa, França, Geórgia, Grécia, Itália, Luxemburgo, Polónia, Portugal, Reino Unido, Roménia, Sérvia, Suíça, Uzbequistão.

https://www.academia.edu/8473296/Proen%C3%A7a-a-Nova_International_Archaeological_Field_Camp_CAPN_2014

Imprensa

II CAMPO INTERNACIONAL TRAZ NOVIDADES

Escavações revelam uma grande anta

O II Campo Arqueológico Internacional de Proença-a-Nova, que realizou escavações na mamoa do Cabeço da Anta, poderá trazer novidades quanto ao método construtivo. O segundo ano consecutivo de trabalhos no local trouxe à equipa de arqueólogos a convicção de que a sepultura poderá vir a revelar-se "um dos mais emblemáticos monumentos megalíticos da Beira Baixa", como explica João Caninas, coordenador do Campo. Assim sendo, para 2015 está já projetada a continuidade dos trabalhos, desta vez com três escavações em igual número de locais, de cronologia e tipologia distintas. Realizado durante o mês de agosto, com dois grupos de 20 participantes divididos por dois turnos, o campo contemplou este ano duas áreas de trabalho. Pela dimensão e complexidade, a escavação no Cabeço da Anta iniciou-se em 2013 e irá ainda exigir mais algum tempo, tendo paralelamente sido escavada a anta de Vale do Alvito. Integrada no percurso pedestre PR1,



O trabalho do próximo campo dará continuidade a este achado

esta última ficou com a intervenção praticamente concluída, estando prevista a posterior valorização para visita de todos os interessados. Mário Monteiro, arqueólogo que coordenou a escavação no Cabeço da Anta, explica que os trabalhos deste verão permitiram "atingir uma couraça pétrea que define o sistema construtivo". No próximo ano será feito um corte para perceber as várias camadas da construção. "É como um bolo com vários sabores dispostos em camadas. Quando cortamos uma fatia, conseguimos apanhar todos os sabores. É isso que pretendemos fazer." Para já, percebeu-se que se trata de uma anta com nove esteios – o sistema clássico contempla sete. Embora a investigação seja o objetivo principal da escavação, a iniciativa acaba por ter igualmente uma vertente educativa, proporcionando aos alunos práticas de campo que as universidades atualmente não oferecem. Como explica João Caninas, nas próximas semanas irão já iniciar-se os contactos com universidades em todo o mundo, de forma a poderem inserir nas programações anuais o campo de 2015.

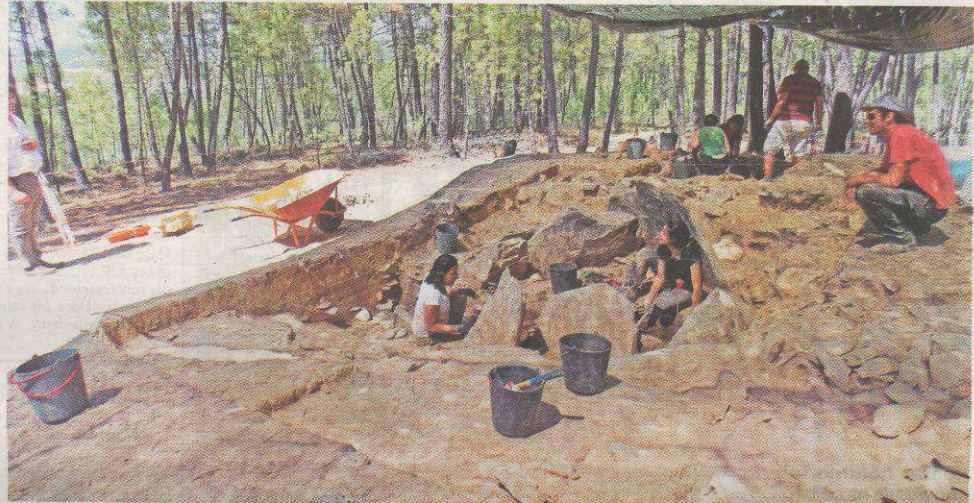
Nas Moitas

Campo arqueológico de novo em escavações

Decorre de 4 a 30 de Agosto as escavações no Campo Arqueológico Internacional de Proença-a-Nova, (CAPN) situado junto à povoação das Moitas, pelo terceiro ano consecutivo, novamente com âmbito internacional. O CAPN foi a modalidade definida para concretizar o acordo estabelecido entre a Câmara Municipal de Proença-a-Nova e a Associação de Estudos do Alto Tejo para a valorização do património arqueológico municipal. Durante este período a equipa vai prosseguir as escavações iniciadas no ano passado na mamoa com cerca de 40 metros de diâmetro e cerca de quatro de altura, considerada uma das maiores do distrito. Os trabalhos são dinamizados pela Associação de Estudos do Alto Tejo, em parceria e com o apoio financeiro do Município de Proença.

A equipa no terreno é acompanhada por uma direção científica constituída por cinco arqueólogos. O campo atrai jovens estudantes, na sua maioria de Arqueologia, de diversas nacionalidades. Além de portugueses, participam quatro jovens espanhóis, uma jovem brasileira e um jovem inglês residente em Portugal.

O campo funciona dividido em dois turnos, num total de 40 inscritos. O CAPN realizou-se pela primeira vez em 2012 com a escavação e reconstrução (parcial) da anta do Cão do Ribeiro. Em 2013 o CAPN teve âmbito internacional e consistiu na escavação de dois outros monumentos megalíticos (Vale do Alvito e Cabeço da Anta) integrados no PR1 PN (percurso pedestre História na Paisagem). A continuação dos trabalhos nestes dois monumentos consubstancia o CAPN 2014. A Proença-a-Nova corresponde uma das mais densas manchas de sepulturas pré-históricas, daquele tipo, identificadas, de modo pioneiro, pelos arqueólogos alemães Georg Leisner e Vera Leisner, publicada, postumamente, na obra *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel - Der Westen*, em 1995. O programa do Campo Arqueológico (CAPN 2014) inclui, para além dos traba-



lhos de escavação arqueológica e de outras práticas de campo, quatro visitas de estudo e dez palestras, de acesso livre.

Fomos ao terreno acompanhar o andamento dos trabalhos. Falámos com os responsáveis dos dois campos.

O arqueólogo João Carlos Caninas falou-nos do andamento dos trabalhos, concretamente da Anta do Vale do Alvito, uma sepultura pré-histórica envolvida por um montículo em argila, em forma de "broa" com cerca de 30 metros de diâmetro. "Em 2012 investigamos uma sepultura chamada Cão do Ribeiro e conseguimos compreender a estrutura da sepultura, com uma câmara, com corredor de

acesso que eram originalmente cobertos com terra e pedras e tinha também um átrio aberto onde tinham lugar rituais relacionados com o culto dos mortos. O monumento do Cão do Ribeiro deu resultados muito interessantes, que ainda estão em estudo, sobre a forma como foi construído este monumento e os rituais funerários que acolheu, que tencionamos divulgar no próximo ano", disse João Caninas. Para além disso o monumento foi parcialmente restaurado, repondo partes da estrutura que foram danificadas ao longo do tempo. "Neste momento o monumento tem condições para ser visitado e tal como os outros dois em estudo este ano foi integrado pelo município

num percurso pedestre chamado História na Paisagem. Os residentes têm acolhido muito bem estes trabalhos e tem havido uma excelente receptividade para estes estudos da parte de todos os proprietários que autorizaram estes trabalhos", referiu João Caninas.

Explicou-nos ainda que estas construções "são muito padronizadas e podem encontrar-se construções idênticas noutros pontos do território português".

Neste momento estão duas equipas a trabalhar no terreno, uma em cada um dos monumentos, estruturadas em diversas sub-equipas cada uma das quais orientada por um arqueólogo. Ainda não foi identificada o povoado, de cabanas dispersas, onde podem ter

vivido os construtores destas sepulturas mas situava-se, provavelmente, a curta distância, no planalto das Moitas. Segundo João Caninas o topónimo Moitas poderá significar mamoas.

Passámos depois para o Cabeço da Anta, uma mamoa com cerca de 38 metros de diâmetro e mais de três metros de altura. Conversámos com o arqueólogo Mário Monteiro que nos explicou o trabalho que ali estava a ser desenvolvido e que já está avançado. "Já temos definida a área da câmara funerária e estamos a investir na sua escavação."

Conversámos também com alguns dos participantes. A Mariana Reis,

de Proença, prestes a entrar para a universidade, está ali "porque adoro história e isto veio de encontro à minha curiosidade em saber mais sobre esta área". Do Brasil, da Universidade de Minas Gerais, veio a Taisa, estudante do 2º ano de Arqueologia. Veio pela formação que pode adquirir e também pela vontade de sair para outro país onde pode acrescentar algo mais ao seu estudo e trabalho. O Steffan nasceu em Coimbra, estuda também no 2º ano de Arqueologia da Universidade de Coimbra, passa muito do seu tempo e Inglaterra. Como é a sua área de estudo, "é uma paixão que tenho e aqui venho desenvolver e também aprender mais".

Conceição Cardoso

Escavações revelam anta de grande dimensão



As escavações arqueológicas no Cabeço da Anta poderão trazer novidades quanto ao método construtivo desta sepultura milenar. O segundo ano consecutivo de trabalhos no local trouxe à equipa de seis arqueólogos a convicção de que a sepultura poderá vir a revelar-se “um dos mais emblemáticos monumentos megalíticos da Beira Baixa”, como explica João Caninas, coordenador do II Campo Arqueológico Internacional de Proença-a-Nova. Para 2015 está já projetada a continuidade dos trabalhos, desta vez com três escavações em igual número de locais, de cronologia e tipologia distintas.

Realizado durante o mês de agosto, com dois grupos de 20 participantes (de quatro nacionalidades diferentes) divididos por dois turnos, o campo contemplou este ano duas áreas de trabalho. Pela dimensão e complexidade, a escavação no Cabeço da Anta iniciou-se em 2013 e irá ainda exigir mais algum tempo, tendo paralelamente sido escavada a anta de Vale do Alvito. Integrada no percurso pedestre PR1, esta última ficou com a intervenção praticamente concluída, estando prevista a posterior valorização para visita de todos os interessados.

Mário Monteiro, arqueólogo coordenador de sector no Cabeço da Anta, explica que os trabalhos deste verão permitiram “atingir uma couraça pétrea que define o sistema construtivo” daquela grande mamoa. No próximo ano será feito um corte para perceber as várias camadas da construção. “É como um bolo com vários sabores dispostos em camadas. Quando cortamos uma fatia, conseguimos apanhar todos os sabores. É isso que pretendemos fazer.” Para já, percebeu-se que se trata de uma anta com nove esteios – mais dois do que o modelo comum de câmara de sete esteios.

Embora a investigação seja o objetivo principal da escavação, a iniciativa acaba por ter igualmente uma vertente educativa, proporcionando aos alunos práticas de campo que as universidades atualmente não podem oferecer. Como explica João Caninas, nas próximas semanas irão já iniciar-se os contactos com universidades estrangeiras, de forma a poderem inserir nas programações anuais o campo de 2015.

2014-09-05

<http://www.cm-proencanova.pt/Municipio/Destaque/escavacoes-revelam-anta-de-grande-dimensao/1723>

6.3. Equipa de coordenação dos trabalhos de campo



João Carlos Pires Caninas (n. Lisboa, 6 de Setembro de 1959).

Doutorando em Arqueologia (Universidade de Évora). Mestre em Arqueologia (2012, Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Licenciado em Engenharia Electrotécnica (1995, Instituto Superior Técnico). Membro da Associação de Estudos do Alto Tejo, da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1982) e da Associação Profissional de Arqueólogos (desde 1995). Arqueólogo desde 1983 (IPPC) com 17 anos de prática profissional. Participação e direcção de projectos de investigação arqueológica, principalmente no distrito de Castelo Branco (ex. Altejo - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português, 1998-2003). Desde 1996 é consultor em património cultural, colaborando com diversas empresas na elaboração de instrumentos da política de ambiente (estudos de impacte ambiental, planos de bacia hidrográfica, planos de ordenamento da orla costeira, avaliação ambiental estratégica) e no acompanhamento arqueológico de obras, através de EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia. Co-autoria de publicações desde 1978.



Francisco José Ribeiro Henriques (n. Vila Velha de Ródão, 1 de Outubro de 1956).

Licenciado em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Arqueólogo, membro e fundador da Associação de Estudos do Alto (AEAT), da Associação dos Arqueólogos Portugueses, da Associação Profissional de Arqueólogos e de outras organizações ligadas ao estudo e preservação do património arqueológico. Colaborador, desde o início dos anos 70, em vários projectos de arqueologia e etnologia desenvolvidos na área do alto Tejo português. Autor de diversas publicações, desde 1973, em revistas nacionais e estrangeiras com temáticas das áreas de arqueologia, antropologia e etnografia. Tem participado na elaboração de estudos de impacte ambiental.



Mário Jorge Mascarenhas Monteiro (n. Lisboa, 22 de Abril de 1965).

Licenciado em História, Variante de Arqueologia, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2003. Arqueólogo da EMERITA – Empresa Portuguesa de Arqueologia e colaborador da AEAT - Associação de Estudos do Alto Tejo. Desenvolvimento da actividade no âmbito da arqueologia empresarial, com direcção e participação em Estudos de Impacte Ambiental, Prospekções, Escavações e Acompanhamentos, trabalhos exercidos por todo o país e em todos os períodos cronológicos. Autor e co-autor de diversas publicações. Projecto em desenvolvimento na área de investigação: Linha Defensiva das Talhadas-Moradal (século XVIII). Outros Projectos: Campo Arqueológico de Proença-a-Nova; Depósito Votivo da Moita da Ladra (Bronze Final); Ocupação humana no Núcleo Antigo de Carnide, Lisboa (Pré-História a Contemporâneo).



André Afonso Pereira (n. Lisboa, 6 de Abril de 1981).

Arqueólogo. Licenciado em História, Variante de Arqueologia, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2003. Desenvolvimento da actividade no âmbito da arqueologia empresarial, com direcção, co-direcção e participação em Estudos de Impacte Ambiental, Prospekções, Escavações e Acompanhamentos, trabalhos exercidos por todo o país e em quase todos os períodos cronológicos. Co-autor de várias publicações, no âmbito dos projectos em que colabora. Colaboração nos projectos: GUME-RM: O Complexo Megalítico do Olival da Pega 2 e Placa Nostra, projectos de investigação da UNIARQ, direcção de Professor Doutor Victor S. Gonçalves; NEO LEX POV: Povoamento Neolítico do Penedo de Lexim, direcção de Dra. Ana Catarina Sousa; Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, Depósito Votivo da Moita da Ladra, Ocupação Humana no Núcleo Antigo de Carnide, direcção do Dr. Mário Monteiro; Campo Arqueológico de Proença-a-Nova, da Associação de Estudos do Alto Tejo.



Paulo Jorge Soares Félix (n. 7 de Novembro de 1963, Luanda, Angola).

Licenciou-se em História (variante de Arqueologia) em 1987, na Universidade de Coimbra. Obteve o Diploma em Estudos Avançados (DEA) em Arqueologia e Território na Universidade de Granada (Espanha), em 2001, onde continua os seus estudos conducentes à obtenção do grau de Doutor em Arqueologia, com uma dissertação que versa o estudo da evolução das populações do final da Idade do Bronze no centro-oeste de Portugal. Foi docente nos departamentos de Conservação e Restauro e de Gestão Turística e Cultural do Instituto Politécnico de Tomar entre 1990 e 2001, bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia entre 2003 e 2006 e exerce actualmente como arqueólogo profissional, colaborando com várias empresas.



António González Cordero.

Doctor en Prehistoria y Arqueología, ejerce como profesor en el IES Zurbarán de Navalmoral de la Mata, localidad donde desempeña el cargo de patrono de la Fundación-Museo Antonio Concha a la vez que coordina los Coloquios Historicos anuales que se desarrollan sobre dicha Comarca. Ha dirigido la catalogación del Arte Rupestre de la Alta Extremadura, así como la elaboración de distintas Cartas Arqueológicas de los términos municipales de Montánchez, Cáceres, Las Villueras y Campo Arañuelo. En esta última comarca ha coordinado también la realización del inventario del patrimonio Histórico-Artística para el proyecto Leader.

Es director y coautor del Inventario Bibliográfico Arqueológico e Histórico de Extremadura. Publicado por la Junta de Extremadura en la Serie Extremadura Arqueológica IX. y de numerosas intervenciones editadas en Memorias del Museo de Cáceres. Ha dirigido y coeditado excavaciones arqueológicas en diversos yacimientos extremeños y en el campo de apoyo a proyectos de investigación ha colaborado con distintas Universidades españolas.

Es además autor de más de un centenar de publicaciones, con colaboraciones en las revistas más prestigiosas de España, tales como Trabajos de Prehistoria, Archivo Español de Arqueología, Saguntum, Zephyrus, Stvdia Zamorensia, Arquelogia y Territorio Medieval, Anas, Revista de Arqueología, en revistas del ámbito regional y en revistas Internacionales tales como Madrider Mitteilungen, Journal Of Iberian Archaeology, Archeologie Islamique, Trabalhos de Atrpologia e Etnologia.



Emanuel dos Santos Carvalho (n. Torres Vedras, 7 de Fevereiro de 1950).

É espeleólogo e tem equivalência curricular a assistente de arqueólogo através da Escola de Assistentes de Arqueólogo do Freixo. É fundador do Espele Clube de Torres Vedras e da Associação de Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras. É sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Pré-história e História) e membro da Comissão de Ensino da Federação Portuguesa de Espeleologia. Participou em inúmeras escavações arqueológicas desde 1968, nomeadamente nos sítios: L'abri d'Urtus (França), Los Millares, Vale de Asón e Cueva de la Yale (Espanha), Vale Altenkirchen (Alemanha), Cidade Velha (Cabo Verde), e, em Portugal, em inúmeros sítios de que apenas se destacam, o castro do Zambujal (Torres Vedras), a gruta do Caldeirão (Tomar), o castelo de Torres Vedras, Conimbriga (Coimbra), Centro Cultural de Belém (Lisboa), Fábrica da Neve (Cadaval), Claustro da Sé (Lisboa), necrópole do Algar do Bom Santo (Alenquer), Mosteiro e Castelo de Alcobaça, Rua do Ouro – Lisboa (BCP), Igreja de São Roque (Lisboa), Palácio da Vila (Sintra), convento e algar de Nossa Senhora das Neves (s. Montejunto), Palácio de Queluz (Sintra), abrigo do Lagar – Menino do Lapedo (Leiria), *tumuli* de Selada do Cavalo, Feiteiras e Vale de Mós (Oleiros) e anta do Cão do Ribeiro (Proença-a-Nova). Participou em trabalhos de prospecção e escavação arqueológica em diversos pontos do país com equipas das University of Alberta (Canadá), University of New México (EUA) e University Methodist of Dallas (EUA). Organização e participação como monitor em diversos Cursos de Iniciação à Espeleologia, Arqueologia e Topografia Subterrânea no âmbito da actividade do ECTV e ADDPCTV. Apresentou diversas comunicações no âmbito da Espeleologia, Arqueologia e Defesa do Património em Congressos, Encontros, Colóquios, etc.



Cátia Margarida Cravo Mendes (n. Castelo Branco, 9 de Março de 1989)

Licenciada em Arqueologia e História, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 2011. Mestranda em Arqueologia, na área de especialização de Arqueologia da Pré-História, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Participou em trabalhos arqueológicos nos seguintes sítios: *Villa Romana* da Quinta do Pião (Alter do Chão, 2008 e 2010); Castelo de Aljustrel (Aljustrel, 2009 e 2011); estação de Ferragial d'El Rei (Alter do Chão, 2009); Evoramonte (Estremoz, 2009); Cova del Coll Verdaguer (Cervelló, Barcelona, 2010); Cova Bonica (Vallirana, 2010); Cova del Rinoceront (Castelldefels, Barcelona, 2010); Calçada da Telhada (Perais, Vila Velha de Ródão, 2012); Anta do Cão do Ribeiro (Moitas, Proença-a-Nova, 2012); Mamoa do Cabeço de Anta (Moitas, Proença-a-Nova, 2013); Anta de Vale de Alvito (Moitas, Proença-a-Nova, 2014). Colabora, desde 2012, nos projectos desenvolvidos pela Associação de Estudos do Alto Tejo.

6.4. Parceiros técnico-científicos

	<p>Prof. Doutor Jorge de Oliveira, Prof^a Doutora Leonor Rocha e Prof^a Doutora Teresa Matos Fernandes: apoio científico e participação em palestras</p>
	<p>Prof. Doutor José Mirão e Prof^a Doutora Cristina Dias: apoio em sedimentologia e análises químicas</p>
	<p>Prof^a Doutora Primitiva Bueno: indicação de alunos da UAH para participação nos trabalhos de campo.</p>
	<p>Prof^a Doutora Maria de Jesus Sanches: indicação de alunos da FLUP para participação nos trabalhos de campo.</p>
	<p>Prof^a Doutora Raquel Vilaça: indicação de alunos da FLUC para participação nos trabalhos de campo.</p>
	<p>Dr. Carlos Neto Carvalho: participação em palestra e orientação de visitas de estudo.</p>
	<p>Técnico Hugo Pires: digitalização tridimensional de estruturas e grafismos rupestres.</p>
	<p>Apoio técnico na coordenação do Campo e apoio logístico.</p>

6.5. Lista dos participantes

Nome	Nacionalidade	Formação académica
Ana Catarina Andrade Santos	Portuguesa	Aluna de licenciatura de Arqueologia e História. FLUC
Ana Catarina Teixeira Silva	Portuguesa	Mestre em Museologia. FLUP
Ana Margarida Sineiro Correia	Portuguesa	Aluna de licenciatura de Arqueologia. FCSH-UNL
Ana Maria Catarino	Portuguesa	EB Pedro da Fonseca (Proença-a-Nova)
Ana Sofia Lacerda Matias	Portuguesa	Aluna de licenciatura de Arqueologia e História. FLUC
Ana Soraia Oliveira da Silva	Portuguesa	Pós-Graduação em Antropologia Biológica. ISCSP - UL
Andreia Margarida Ribeiro	Portuguesa	Aluna de licenciatura de Arqueologia e História. FLUC
Andreia Pereira Martins	Portuguesa	12º ano Humanidades (Proença-a-Nova)
António Telles da Costa	Portuguesa	11º ano Humanidades (Castelo Branco)
Catarina Isabel Gil Anacleto	Portuguesa	Aluna de licenciatura de Arqueologia. FCSH-UNL
Cátia Cravo Mendes	Portuguesa	Mestranda de Arqueologia da FLUC
Célia Moreira Sousa	Portuguesa	Licenciada em Arqueologia. FLUP
Daniel Pinto da Silva	Portuguesa	Aluno de licenciatura de Arqueologia. FLUP
Daniela Silva Maio	Portuguesa	Aluna de licenciatura de Arqueologia. UAlg
David Queirós Ferreira	Portuguesa	Aluno da Escola Profissional de Arqueologia
Fernando Ricardo Silva	Portuguesa	Mestrando de Arqueologia da FLUC
Gonçalo Paulo Cardoso	Portuguesa	Mestrando de Arqueologia da FLUC
Idália Silva Rita	Portuguesa	Ensino Secundário
Inês Vaz Cardoso	Portuguesa	12º ano Humanidades (Proença-a-Nova)
Irene Salinero Sánchez	Espanhola	Mestranda em Arqueologia e Conservação do Património. UAH
Javier Sebastián de Lucas	Espanhola	Licenciado em História. UAH
Laura Eva Dias	Portuguesa	EB Pedro da Fonseca (Proença-a-Nova)
Manuel José Silva Carvalho	Portuguesa	Aluno de licenciatura de Arqueologia e História. FLUC
Marcos Sáez Martínez	Espanhola	Aluno de licenciatura de Arqueologia. UAH
Margarida Amaral Leite	Portuguesa	Aluna de licenciatura de Arqueologia. FLUP
Mª Inês Santos Cunha	Portuguesa	Aluna de licenciatura de Arqueologia. FCSH-UNL
Mariana Reis	Portuguesa	12º ano Humanidades (Proença-a-Nova)
Marta Martinez Parada	Espanhola	Mestre em Leituras sobre a Cidade Histórica. USC.
Marta Isabel Perfeito Rosa	Portuguesa	Aluna de licenciatura de Arqueologia. FCSH-UNL
Paulo Ricardo de Matos	Portuguesa	Aluno de licenciatura de Arqueologia. FLUP
Pedro Soares Batista	Portuguesa	Aluno de licenciatura de Arqueologia e História. FLUC
Pedro José Gonçalves	Portuguesa	Aluno de licenciatura de Arqueologia e História. FLUC
Rita Alexandra Pires	Portuguesa	EB Pedro da Fonseca (Proença-a-Nova)
Salomé Carolina Ribeiro	Portuguesa	Aluna de licenciatura de Arqueologia. FLUP
Sara Campos Pereira	Portuguesa	Aluna de licenciatura de Arqueologia e História. FLUC
Sara Martins Dias	Portuguesa	12º ano Humanidades (Castelo Branco)
Steffan Clent Davies	Inglesa	Aluno de licenciatura de Arqueologia e História. FLUC
Taísa Joia	Brasileira	Aluna de licenciatura de Antropologia. UFMG.
Tiago Monteiro Araújo	Portuguesa	Aluno de licenciatura de Arqueologia. FLUP

Abreviaturas. FLUC (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra). FCSH-UNL (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa). FLUP (Faculdade de Letras da Universidade do Porto). ISCSP – UL (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade de Lisboa). UAH (Universidad de Alcalá de Henares). UAlg (Universidade do Algarve). UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). USC (Universidade de Santiago de Compostela).



Local de alojamento durante o CAPN 2014 (edifício do Seminário)



Sala do pequeno-almoço no Seminário durante o CAPN 2014



Local das refeições na Cafeteria do Parque Urbano de Proença durante o CAPN 2014



Sala das refeições na Cafeteria do Parque Urbano de Proença durante o CAPN 2014



Participantes no Cabeço da Anta (CAPN 2014)



Participantes no Cabeço da Anta (CAPN 2014)



Participantes no anta de Vale de Alvito (CAPN 2014)



Entrega de diplomas aos participantes no CAPN 2014

6.6. Escavação da mamoa do Cabeço da Anta



A mamoa do Cabeço da Anta



Introdução ao trabalho de campo



Escavação na câmara funerária



O mesmo



Momento da escavação da couraça envolvente da câmara



Escavação numa sanja



O mesmo



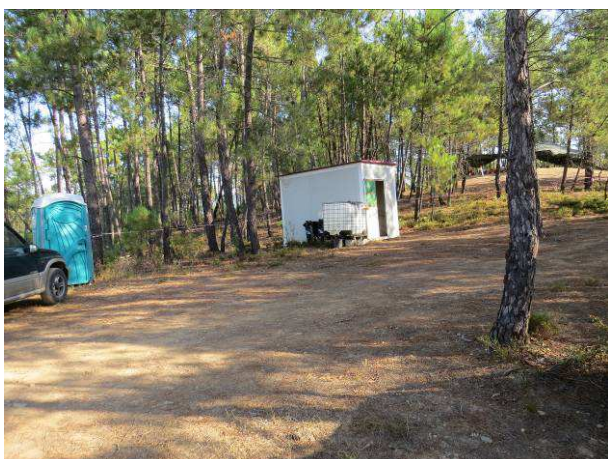
Visita da dr^a Helena Moura (DRCC)



Visita de Eng^o João Lobo, Prof João Manso (CMPN)
e proprietários



Extracção de amostras para análise química e mineralógica
com o Professor José Mirão (Laboratório Hércules)



Espaço social, de higiene e de arrumos



Pausa



Câmara funerária no final da campanha



Outra vista



Outra vista



Couraça adjacente à câmara no final da campanha



Outra vista



Outra vista



Sanja no final da campanha



Outra vista

6.7. Escavação da mamoa de Vale de Alvito



Introdução ao Campo com visita ao Cão do Ribeiro



O monumento no início dos trabalhos



Introdução ao trabalho de campo



Vista a partir do Cabeço da Anta



Momento da escavação na câmara



O mesmo



O mesmo



Trabalhos de escavação na sanja



Crivagem



Extracção de amostras para análise química e mineralógica com o Professor José Mirão (Laboratório Hércules)



Visita de Engº João Lobo, Prof João Manso (CMPN) e proprietários



Visita do Professor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)



Vista da sanja



Câmara no final da campanha



Sanja no final da campanha

6.8. Visitas de estudo

Orientadores	Tema	Datas
Jorge Gouveia (AEAT), Carlos Neto de Carvalho (Geopark) e Francisco Henriques (AEAT)	<p>1. Portas de Ródão, Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Tejo e passeio de barco no Tejo (Vila Velha de Ródão)</p> <p>Ao cruzar a Serra das Talhadas, o rio Tejo deu origem a uma imponente formação geológica conhecida como as Portas de Ródão, um geomonumento, classificado como Monumento Natural Nacional, localizado nas duas margens do Rio Tejo, nos concelhos de Vila Velha de Ródão e de Nisa. Em linguagem simples, diríamos que as Portas de Ródão foram geradas pelo processo erosivo associado à instalação do rio Tejo, num corte produzido na crista quartzítica, pela falha do Ponsul.</p> <p>Trata-se de um local mítico, recheado de lendas e tradições, muitas das quais resultantes do facto de aqui ter sido durante largos anos a fronteira entre o Cristianismo e o Islão. É o <i>ex-libris</i> da região, um referencial na paisagem e constitui um lugar privilegiado para a observação de aves devido às numerosas espécies identificadas e onde se destaca a colónia de grifos, a maior em território exclusivamente nacional.</p> <p>A classificação deste Monumento Natural Nacional concluiu-se em 2009 e foi um projecto das autarquias de Ródão e Nisa concretizado, na sua vertente técnica, pela Associação de Estudos do Alto Tejo, instituição que há vários anos advogava a classificação, como forma de preservar a qualidade, a diversidade e a relevância dos valores em presença os quais conferem ao local um elevado valor científico, pedagógico e didáctico.</p> <p>O Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Tejo (CIARVT) é um discurso expositivo que testemunha as características deste complexo gráfico e o historial da sua descoberta. A orientação científica e concepção de conteúdos esteve a cargo do arqueólogo António Martinho Baptista da Fundação e Museu do Côa. Está instalado no antigo edifício dos Paços do Concelho, no Largo do Pelourinho (antigo Largo do Município), em Vila Velha de Ródão. Dispõe de sala de recepção e loja. www.tejo-rupestre.com</p>	6 de Agosto e 20 de Agosto
Isabel Gaspar (CMPN) Jorge Gouveia (CMVVR), Carlos Neto de Carvalho (Geopark) Mário Monteiro (AEAT) e Francisco Henriques (AEAT)	<p>2. Serra das Talhadas, Portas do Almourão e Recinto muralhado do Chão de Galego</p> <p>Apresenta-se a intenção de constituição de um Parque Natural de âmbito regional com vista à preservação dos valores em presença e da biodiversidade em geral: originalidade do coberto vegetal, do povoamento faunístico, das formações geológicas (nomeadamente as Portas do Almourão), dos vestígios arqueológicos e de outros elementos de interesse ambiental e paisagístico (nomeadamente o recinto muralhado do Chão de Galego).</p> <p>A Linha Defensiva das Talhadas-Moradal</p> <p>A Linha das Talhadas-Moradal surge no âmbito da Guerra dos Sete Anos, em 1762, por ordem do Marechal Conde de Lippe, um estratega, contratado pelo Marquês de Pombal para organizar e comandar as forças portuguesas contra a invasão de tropas espanholas com o apoio de França.</p> <p>A linha estende-se ao longo das serras das Talhadas e do Moradal, entre o rio Tejo e o rio Zêzere, defendendo as poucas portelas que permitiam a passagem de um exército invasor, cujo objectivo seria o rápido acesso à capital do Reino (Lisboa) e sua consequente conquista.</p> <p>O centro deste sistema defensivo, onde se localiza o maior número de redutos e também os de maior dimensão, localiza-se no concelho de Proença-a-Nova, sobre a ribeira do Alvito, local de difícil passagem, onde o invasor que avançava pela estrada de Castelo Branco teria que atravessar a referida ribeira.</p> <p>Aldeia de Xisto de Figueira</p> <p>A Aldeia de Xisto de Figueira faz parte da Rede de Aldeias do Xisto e tem vindo a ser intervencionada ao longo deste últimos anos com vista não só à melhoria da qualidade de vida da população residente, como também à promoção das atividades tradicionais como meio de captar o turismo (ciclo de fados na aldeia, as artes tradicionais do pão; a horta...). Possui uma loja de aldeia com restaurante de grande qualidade.</p>	13 de Agosto e 27 de Agosto

Abreviaturas.

AEAT (Associação de Estudos do Alto Tejo). CMPN (Câmara Municipal de Proença-a-Nova).

CMVVR (Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão).

Geopark (Geopark Naturtejo da Meseta Meridional).



Transporte utilizado nas visitas de campo durante o CAPN 2014



Portas do Almourão, geomonumento situado na Serra das Talhadas (Geopark Naturtejo)



Vértice geodésico do Chão de Galego (Serra das Talhadas)



Forte das Baterias (Sobreira Formosa)



Castelo de Ródão e ao geomonumento das Portas de Ródão (Geopark Naturtejo)



Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Tejo (Vila Velha de Ródão)



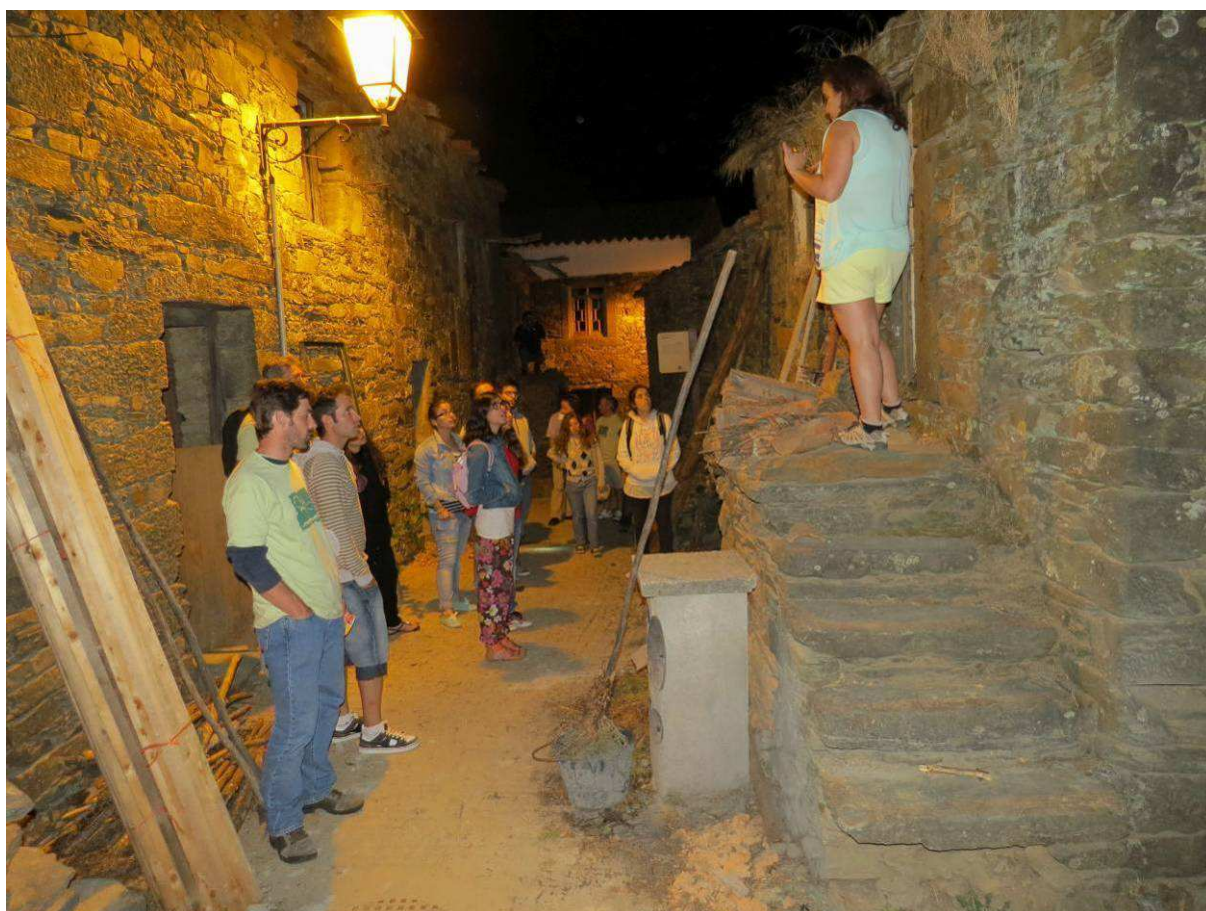
Lagar de Azeite do Enxarrique (Vila Velha de Ródão)



Passeio no Rio Tejo junto às Portas de Ródão



Na aldeia de Figueira (Rede das Aldeias de Xisto)



Visita guiada à aldeia da Figueira



Jantar na aldeia da Figueira



Fotografia de grupo

6.9. Palestras e resumos

Orador	Tema	Data
João Carlos Caninas (AEAT, CHAIA-UE)	1. Os monumentos megalíticos da Beira Baixa: investigações recentes em Proença-a-Nova	04 de Agosto
Francisco Henriques (AEAT)	2. As antas de Proença-a-Nova na obra de Georg e de Vera Leisner	09 de Agosto
Gonçalo Ferreira (Mestre em Arqueologia pela FLUP)	3. Escrita do Sudoeste - nova aproximação metodológica	09 de Agosto
Mario Monteiro (AEAT, EMERITA)	4. A Linha Defensiva das Talhadas-Moradal e o Sistema Defensivo de Abrantes.	11 de Agosto
André Pereira (AEAT, EMERITA)	5. As placas votivas da anta do Cão do Ribeiro (Proença-a-Nova)	15 de Agosto
Leonor Rocha (CHAIA-UE)	6. Megalitismo Alentejano: problemas e perspectivas	15 de Agosto
Paulo Félix (EMERITA)	7. Povoamento da Idade do Bronze no Centro Oeste de Portugal	18 de Agosto
Hugo Pires (Superfície Geomática)	8. Sistemas de digitalização tridimensional - novo paradigma de registo e representação gráfica em Arqueologia	21 de Agosto
Paulo Lima (Mestre em Arqueologia pela FLUP)	9. Uma Aproximação Multidisciplinar ao Abrigo Rupestre Pré-Histórico da Pala Pinta	21 de Agosto
Nelson Almeida (CHAIA-UE)	10. O Paleolítico médio do Complexo Pré-histórico do Arneiro - Santana, Nisa	23 de Agosto
Carlos Neto de Carvalho (Geopark Naturtejo)	11. As rochas: células constituintes das paisagens naturais e humanizadas no Geopark Naturtejo da UNESCO	25 de Agosto
José Mirão (Laboratório Hércules - UE)	12. Análise química de artefactos in situ: potencialidades e exemplos de aplicação	29 de Agosto
António González Cordero (Fundación - Museo Antonio Concha)	13. Arte rupestre da província de Cáceres: as gravuras	29 de Agosto
António Correia Departamento de Física da UE	14. Geofísica aplicada à Arqueologia	30 de Agosto
João Araújo Gomes (CEG – IGOT)	15. Geoarqueologia: noções gerais e o caso prático da Arqueossismologia	30 de Agosto

Abreviaturas

AEAT: Associação de Estudos do Alto Tejo

CEG – IGOT: Centro de Estudos Geográficos – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa

CHAIA-UE: Centro de História da Arte e Investigação Artística – Universidade de Évora

EMERITA: Empresa Portuguesa de Arqueologia

FLUP: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

UE: Universidade de Évora



Local das conferências durante o CAPN 2014

Os monumentos megalíticos da Beira baixa: investigações recentes em Proença-a-Nova

João Carlos Caninas

Resumo. Como forma de enquadrar os participantes nos trabalhos arqueológicos do CA(I)PN 2014, apresentam-se os resultados obtidos no decurso das escavações arqueológicas efectuadas nos anos 2012 e 2013 em três sepulturas megalíticas do concelho de Proença-a-Nova, integradas no percurso pedestre PR 1 PNV História na Paisagem.

Esses trabalhos incidiram no Cão do Ribeiro, em 2012, intervenção já concluída, com a reconstrução parcial do monumento e, em 2013, nas sepulturas megalíticas do Vale de Alvito e do Cabeço da Anta, cuja investigação prossegue em 2014. Estes monumentos, de tipo dolménico, que conservam as estruturas monticulares envolventes (mamoas/tumulus), foram identificados por Georg Leisner (Instituto Arqueológico Alemão) e estão inventariadas na edição de 1995 da série *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel - Der Westen*.

Antes da apresentação destes trabalhos, faz-se uma referência, muito breve, à construção de sepulturas monticulares de geometria circular em várias partes do mundo e um enquadramento, de âmbito regional, acerca do povoamento durante a Pré-História Recente na região de Castelo Branco / Beira Baixa, com destaque para as construções de funcionalidade funerária. Esta abordagem baseia-se na dissertação de mestrado em Arqueologia defendida pelo autor em 2012, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo como orientadora a professora Maria de Jesus Sanches.

As antas de Proença-a-Nova na obra de Georg e Vera Leisner

Francisco Henriques, João Caninas e Cátia Mendes

Resumo. Na comunicação referem-se os investigadores, ou grupos de investigadores, que inventariaram os monumentos megalíticos funerários (anta) situados no concelho de Proença-a-Nova.

Como o título indica o tratamento da informação privilegia a obra Georg e Vera Leisner.

O trabalho realizado em Proença-a-Nova teve lugar no início dos anos 30 do séc. XX e está entre os primeiros realizados em Portugal por estes investigadores.

Os vários volumes da obra *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel* proporcionam uma lista de 95 monumentos e respectiva cartografia, a planta de quatro deles, uma foto, e o desenho de um instrumento de pedra polida.

Nos últimos anos tem-se tentado relocalizar este vasto conjunto de monumento. As tentativas não têm produzido o resultado desejado. Dos 95 monumentos identificados na obra destes investigadores apenas 16 foram relocalizados.

Finalmente, discute-se, à luz do conhecimento actual, a desfasagem existente entre a quantidade de *antas* encontradas neste concelho e o elevado número de monumentos mencionados na obra dos investigadores alemães.

Escrita do Sudoeste - nova aproximação metodológica

Gonçalo Ferreira

Gonçalo Ferreira é Engenheiro em Sistemas e Informática (Universidade do Minho) e Mestre em Arqueologia (Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

Trabalhou como programador e gestor de projecto em duas empresas ligadas ao desenvolvimento de aplicações informáticas. No entanto a paixão pelo estudo da escrita motivou o ingresso no Mestrado em Arqueologia na FLUP e a elaboração de uma tese sobre um novo modelo de decifração para a escrita proto-histórica do Sudoeste.

É apaixonado por epigrafia e linguística, mas também por sistemas de informação geográficos.

Resumo. Será abordada uma nova metodologia para o estudo da escrita do Sudoeste, com o objectivo de a decifrar, através de três pontos: estudo da relação entre o território e a Escrita do Sudoeste, estudo interno e externo dos signos que compõem a Escrita do Sudoeste e análise linguística .

Para atingir estes objectivos é abordada a relação entre alguns elementos inscritos nas estelas e fragmentos cerâmicos e a onomástica peninsular, a comparação com outras línguas (no caso Goidélico e Gálico, mas também Grego, Latim e Sanscrito). Será feita uma resenha da evolução da escrita desde o Hieróglífico até ao Rúnico, passando pelo Sinaitico, Fenício, Grego (famílias), Etrusco e Latim, bem como uma introdução sobre aspectos linguísticos e criptográficos que foram usados para criação do modelo. Finalmente apresenta-se um modelo de signário, um dicionário e uma definição de linguagem do Sudoeste.



A Linha Defensiva das Talhadas - Moradal e o Sistema Defensivo de Abrantes

Mário Monteiro

Resumo. A Linha Defensiva das Talhadas-Moradal é criada no âmbito da Guerra dos Sete Anos (1756 – 1763), em 1762, por ordem do Marechal-General Conde de Schaumbourg-Lippe, estratega contratado para comandar as forças portuguesas contra o invasor. Estabelece o quartel-general em Abrantes (considerada uma porta para Lisboa no corredor da Beira Baixa) e decide fortificar as serras das Talhadas e do Moradal, para onde se dirigia o invasor, utilizando os pontos dominantes das serras. Cria assim uma linha defensiva com aproximadamente 50 km de extensão, entre o Tejo e o Zêzere, constituída por diversos tipos de redutos, aproveitando as formações naturais do terreno e obstáculos que dificultavam a progressão do invasor.

Todavia, esta é apenas a primeira linha de um sistema defensivo muito mais complexo. Uma segunda e uma terceira linhas são traçadas em torno de Abrantes, de forma gorar os intentos do invasor ou a permitir uma retirada em segurança.

Temos assim uma segunda linha designada como “*Linha de Castello Velho a Milriça*”, onde se encontram referenciadas seis baterias.

Uma terceira linha designada como “*Linha de São Domingos*”, onde se encontram referenciadas duas baterias, atrás da qual se encontrava acampado o grosso do exército Luso-Inglês e onde se reuniriam todos os corpos militares em retirada.

As segunda e terceira linhas seriam maioritariamente preenchidas por contingentes de infantaria, dispostos em pontos estratégicos, estando a artilharia sobre as principais vias para Abrantes.

Para além destas, é delineada uma quarta linha ao longo do rio Zêzere, como último recurso para impedir o avanço dos invasores sobre Lisboa. Trata-se da “*Linha do Zêzere*”, na qual são referidas baterias em todos os pontos onde seria mais fácil a travessia do rio. Encontraram-se até à data menções a seis baterias, uma das quais se encontra identificada na Carta Arqueológica de Tomar.

Temos assim um sistema defensivo projectado e mandado construir por Lippe em 1762, que passaremos a chamar Sistema Defensivo de Abrantes, que tem como intuito primordial servir de porta para o acesso a Lisboa, tendo sido utilizado e reorganizado entre 1762 e 1801.

Entre 1796 e 1801 as relações diplomáticas entre Portugal e Espanha encontram-se em crise, sendo cada vez mais óbvio para o governo português que se avizinhava uma invasão do país. Tal deveu-se à participação de Portugal nas campanhas da Catalunha e do Rossilhão, onde participou uma divisão auxiliar portuguesa que deu apoio ao exército espanhol, acabando este auxílio por colocar Portugal numa posição muito difícil quando Espanha e França puseram fim às hostilidades (no Tratado de Basileia, em 22 de Julho de 1795) e se tornam aliados (pelo Tratado de Santo Ildefonso, assinado em 18 de Agosto de 1796), em ambos os casos sem o conhecimento do governo português. Ficando Portugal em estado de guerra com a França, e consequentemente com a Espanha, a primeira pressiona a segunda para que Portugal integre a liga ofensiva que tinham estabelecido contra a Inglaterra, sendo a condição principal para obter a paz abandonar a aliança com a Inglaterra e fechar os portos aos navios ingleses. No caso de Portugal não aceitar as condições estava prevista a invasão, iniciando-se em 1797 a concentração do exército espanhol junto à fronteira. Terá sido neste período que são realizados reconhecimentos do sistema defensivo e construídos novos redutos, havendo referências aos reconhecimentos, como o realizado pelo Barão de Wiederhold *entre Zêzere e Serra da Estrela* e a redutos que poderão ter sido construídos nesta época.

Em 1801 dá-se a Guerra das Laranjas (considerada por alguns investigadores como a 1.^a invasão napoleónica), tendo a linha defensiva da Beira Baixa sido organizada e comandada pelo Marquês d'Alorna. Neste ano a Linha das Talhadas-Moradal é reestruturada e equipada com novas estruturas e construída uma estrada militar para facilitar as comunicações (a estrada do Marquês de Alorna). Contudo, a força invasora entra pela fronteira do Alentejo, não tendo os contingentes da Beira Baixa (milícias) participado na guerra.

Em 1810, ainda no âmbito das Invasões Napoleónicas (ou Guerra Peninsular) é feito o reconhecimento das linhas pelo Marquês de Castello Melhor e Manoel Jozé Dias Cardoso, tendo como objectivo reestruturá-las e reactivá-las. Tendo este relatório a data de 16 de Junho de 1810, é certo que o reconhecimento foi realizado no sentido de reactivar e ocupar o sistema defensivo em caso de necessidade e, certamente, em articulação com as Linhas de Torres Vedras, que estariam então numa fase final da sua construção (iniciada em 1809). A Terceira Invasão Napoleónica, sob o comando do Marechal André Massena, teve início em 23 de Julho de 1810 e terminou em 11 de Maio de 1811, todavia deu-se pelo Nordeste de Portugal (por Almeida), tomando o caminho de Coimbra e chegando as forças avançadas do exército francês defronte das Linhas de Torres Vedras no dia 11 de Outubro.

Possivelmente, terá sido após a derrota de Napoleão na Península Ibérica, em 1814, que o Sistema Defensivo de Abrantes é abandonado e não mais utilizado, tal como as Linhas de Torres Vedras.

Ambos os planos defensivos (de Abrantes e de Lisboa) revelam uma visão do terreno e um pensamento estratégico em tudo semelhantes. Em ambos se tira partido da morfologia do terreno, aproveitando as condições de defesa natural que este facultava (o relevos das serranias, os rios, a costa Atlântica), fortificando regiões cujo ponto nevralgico, Abrantes e Lisboa, se encontra na extremidade de um “triângulo”, protegido em ambas as faces pela água (Rio Zêzere, Rio Tejo e Costa Atlântica) e fechado por fortificações, cuja função era estarem presentes em caso de necessidade, não tendo permanentemente um contingente militar nestas posições. Em ambos são construídas estruturas que controlavam as principais vias de circulação e apoiavam

uma eventual retirada das tropas, servindo neste caso como obstáculos. Sendo para os nossos olhos uma estratégia lógica, à época foi inovadora e não atingível por muitas estratégias militares, pelo que cremos ser o projecto inicial das Linhas de Torre Vedras, possivelmente, da autoria do Conde de Lippe. Segundo Gneisenau, um militar que foi aluno de Lippe, *“A sua proposta sobre a defesa de Portugal, que foi enviada a Lisboa, contém passo a passo no maior pormenor, todas as medidas que mais tarde Lord Wellington lá tomou [as Linhas de Torres], cujas posições e movimentos não são mais que a execução dos dados e indicações de Lippe.”*

As placas votivas da anta do Cão do Ribeiro (Proença-a-Nova)

André Pereira

Resumo. Rareando em terras beirãs, foi recolhido durante a escavação de 2012 da Anta do Cão do Ribeiro (Moitas, Proença-a-Nova) um pequeno conjunto de placas votivas, artefactos de grande carga simbólica, fósseis-directores da segunda metade do IV^o Milénio à primeira metade do III^o Milénio a.n.e.

Partindo da sua análise morfológica e decorativa, apresentam-se paralelos formais e decorativos para as placas de xisto gravadas com decoração geométrica (provenientes da área do átrio) e para as placas de grés / arenito anepígrafas (provenientes da área da câmara, em níveis de revolvimento).

Pela localização diferenciada dos achados, a existência de espaços rituais também diferenciados coincidentes com os espaços individualizados do monumento funerário parece ser evidente, como em casos de monumentos da bacia hidrográfica do Rio Sever e da Extremadura espanhola.

Megalitismo alentejano: problemas e perspectivas

Leonor Rocha

Docente do Departamento de História, Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora. Investigadora do CHAIA (Centro de História de Arte e Investigação Artística) / Univ. Évora. Interesses de investigação: Megalitismo Funerário; Prospekção Arqueológica; Arte das Primeiras Sociedades Camponesas; Avaliação de Impacte Ambiental. (lrocha@uevora.pt)

Curriculo: <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=2871121177700464>

Publicações disponíveis em:

<http://dspace.uevora.pt/rdpc/browse?type=author&order=ASC&rpp=20&value=ROCHA%2C+Leonor>

<http://dspace.uevora.pt/rdpc/browse?type=author&order=ASC&rpp=20&value=Rocha%2C+Leonor>

Resumo. A região Alentejo destaca-se pela quantidade e monumentalidade do seu megalitismo (funerário e não funerário). Não obstante o seu bom estado de preservação em termos de paisagem natural e de arquitecturas, a informação científica que dispomos para a maioria deles é manifestamente insuficiente...

Na realidade, não obstante as primeiras escavações terem sido realizadas ainda nos finais do séc. XIX e de se ter publicado algumas destas intervenções, a informação sobre a estratigrafia de cada um destes monumentos, a observação de usos e re (usos) não foi anotada; também não se teve em conta, por exemplo, a recolha criteriosa de materiais que nos poderiam vir a datações absolutas e, mesmo os restos osteológicos, quando se conservavam ou não foram recolhidos ou acabaram mesmo por se perder.

Neste contexto, sabemos hoje o número de monumentos intervencionados, conhecemos os seus espólios, mas não somos capazes de estabelecer sequências megalíticas evolutivas...

Apresenta-se aqui alguns dos principais problemas existentes no estudo do megalitismo funerário e algumas perspectivas de investigação.



O Povoamento da Idade do Bronze no Centro-Oeste de Portugal

Paulo Félix

Resumo. Apresenta-se nesta palestra uma visão de conjunto actualizada sobre o inventário de sítios arqueológicos datados da Idade do Bronze, o que corresponde, em anos de calendário, ao período compreendido entre a transição do terceiro para o segundo milénio e os finais do primeiro quartel do primeiro milénio antes da nossa era. Neste inventário, que deve ser entendido enquanto ferramenta de trabalho em constante transformação e com enormes limitações de forma e conteúdo, integram-se diferentes tipos de realidades e materialidades, desde contextos de habitat a contextos definidos por achados de artefactos metálicos, realidade tão característica deste período da pré-história europeia, passando pela análise dos sítios relacionados com práticas da esfera do Sagrado, explicitamente funerárias ou não.

Na segunda parte da palestra serão abordadas questões de âmbito mais teórico, relativas a cronologias dos contextos, periodização, início e final do período e modelização de processos de natureza histórica decorrentes da interpretação do registo arqueológico.

Sistemas de digitalização tridimensional - novo paradigma de registo e representação gráfica em Arqueologia

Hugo Pires

Topógrafo especializado em registo gráfico do património e investigador científico em diversos projectos nacionais e internacionais. É autor de diversas publicações científicas no âmbito das tecnologias de geomática aplicadas ao património cultural. A sua investigação mais recente tem sido dirigida para o desenvolvimento de algoritmos de filtragem morfológica de modelos 3D para detecção e contraste de vestígios antrópicos, com aplicação ao estudo da arte rupestre, da epigrafia e da arqueologia da paisagem, entre outras. Desde 2007 é representante português do ICOMOS no comité científico internacional para a documentação do património (CIPA).

Resumo. Os avanços tecnológicos das últimas décadas ao nível da melhoria dos sensores ópticos digitais, do aumento exponencial da capacidade de processamento dos sistemas informáticos e de novos algoritmos de computação gráfica, tornaram acessível a um vasto público tecnologias que até então estiveram reservadas aos mais avançados centros de investigação científica.

A comunicação pretende dar conta destes avanços ao nível do registo gráfico arqueológico através da apresentação das tecnologias disponíveis e respectivos campos de aplicação, recorrendo a estudos de caso realizados no âmbito de diversos projectos científicos com destaque para a área da fotogrametria digital em aplicações tão variadas como a arqueologia subaquática, a arqueologia da paisagem, a arte rupestre ou a epigrafia.



Uma aproximação multidisciplinar ao abrigo rupestre pré-histórico de Pala Pinta

Paulo Lima

Arqueólogo, investigador no Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP), nas áreas do levantamento, documentação e estudo da arte pré-histórica

Resumo. Apresentam-se nesta comunicação os resultados obtidos no âmbito de uma abordagem multidisciplinar realizada ao conjunto de pinturas esquemáticas do abrigo rupestre pré-histórico da Pala Pinta, Alijó, na região portuguesa de Trás-os-Montes no Noroeste da península ibérica.

O objectivo deste estudo teve por finalidade avaliar o desempenho e aplicabilidade, nos contextos específicos que envolvem a arte rupestre, de metodologias digitais não intrusivas destinadas à detecção, análise química, levantamento, registo e documentação gráfica desta arte.



O Paleolítico Médio do Complexo Pré-histórico do Arneiro - Santana (Nisa)

Nelson António Carvalho de Almeida

Nascido a 29 de Abril de 1970, em Coimbra, Portugal. Candidato a Doutoramento em Arqueologia (Paleolítico Médio) pelo Departamento de História da Escola das Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Évora, com tese entregue e discussão marcada. Mestre em Evolução Humana - (Antropologia Biológica), pelo Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra em 2006. Pós-graduado em Arqueologia e Ecologia Histórica da Paisagem, Org. Laboratório de Paleoecologia (Museu

e Laboratório do Jardim Botânico da cidade de Lisboa), Centro de Ecologia e Biologia Vegetal da Faculdade de Ciências, C. M. Ferreira do Zêzere, Instituto Português de Arqueologia e Associação Avecasta, em 1999. Licenciado em História, variante de Arqueologia, pela faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no ano lectivo de 1994/95. É actualmente director científico do projecto Pré-História Antiga no Nordeste Alentejano e arqueólogo da Direcção Regional de Cultura do Alentejo, Extensão Regional do Crato, Alentejo.

Resumo. Nesta comunicação serão apresentados os resultados das escavações realizadas nos sítios Pegos do Tejo 2, Azinhal e Tapada do Montinho (Estremo nordeste alentejano, Portugal). As indústrias líticas recolhidas nestas três estações foram estudadas e inseridas num quadro cronoestratigráfico alicerçado em datações absolutas obtidas por OSL. Dessa investigação resulta um conjunto de dados inéditos, relevantes para o conhecimento do Paleolítico médio da região, do país e da Europa.

Na estação dos Pegos do Tejo 2, as datações obtidas indicam a existência de indústrias Moustierenses no Pleistoceno médio final. Esta ocupação caracteriza-se, ainda, por ter apresentado prováveis estruturas de *habitat*.

A estação do Azinhal permite confirmar a ocupação humana datada do Würm antigo na Bacia do Arneiro. Os factos apontam para uma longa presença de comunidades humanas durante o Paleolítico médio em Portugal. Nesta estação verifica-se um reaparecimento da presença da tecnologia bifacial, de tipo Micoquense, interpretado como um retorno a um método de talhe que foi abandonado e depois retomado. Nesta estação, na mesma situação de proximidade ao quartzito que as ocupações dos Pegos do Tejo 2 e Azinhal, utilizou-se outro tipo de rocha, o quartzo, em percentagens significativas

Os dados obtidos para as indústrias líticas produzidas ao longo do Paleolítico médio da Bacia do Arneiro indicam que o modelo de produção lítica baseado na produção de lascas a partir de núcleos de tipo Levallois é comum aos três sítios estudados, à volta do qual se vão adoptar soluções técnicas que visam a produção imediata dos suportes pretendidos.

Todavia, tendo em atenção os resultados da intervenção realizada na estação dos Pegos do Tejo 2, na Bacia do Arneiro verifica-se a que no final do Pleistoceno médio, outros vestígios revelam a aparição de novos comportamentos, num mesmo contexto geral de produção lítica.

As rochas: células constituintes das paisagens naturais e humanizadas do Geopark Naturtejo da UNESCO

Carlos Neto de Carvalho

Geólogo/Geologist. Coordenador Científico/Scientific Coordinator Geopark Naturtejo da Meseta Meridional - European and Global Geopark. Serviço de Geologia, Divisão da Cultura, Turismo, Desporto e Tempos Livres da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova

Carlos Neto de Carvalho é geólogo e responsável pelo projecto Geopark Naturtejo da Meseta Meridional desde o seu início pioneiro em Portugal, em 2004. É actualmente o coordenador científico do geoparque e membro com direito de voto da Comissão de Coordenação da Rede Europeia de Geoparques sob os auspícios da UNESCO, que conta hoje com 59 geoparques. Tendo como área de investigação a Paleontologia de Invertebrados, enquanto colaborador associado do Centro de Geologia da Universidade de Lisboa, ao longo dos últimos 15 anos dedicou-se ao estudo e inventariação do Património Geológico português. Participou na protecção local e nacional de vários geomonumentos, de forma directa ou indirecta, entre os quais o Monumento Natural das Portas de Ródão, e foi convidado para o projecto do Inventário Nacional de Geossítios do ICNF. Trabalhando com o sector turístico local e com o trade internacional nos últimos anos, tem vindo a contribuir para o desenvolvimento do segmento de Geoturismo em Portugal e do produto Turismo de Natureza, com especial ênfase no Geopark Naturtejo. Nas temáticas referidas publicou

mais de 200 trabalhos em autoria e co-autoria, em livros, revistas científicas, congressos e materiais de divulgação, nacionais e internacionais.



Resumo. As rochas, enquanto elementos caracterizadores de uma paisagem natural e matérias-primas para o Homem, constituem-se como base de estudo de diversas ciências, como as Geociências ou a Arqueologia. Tal como as Geociências permitem compreender a construção e evolução históricas da Terra, saber identificar e interpretar as rochas e os minerais, ou os fósseis e o relevo de um lugar, permite não apenas evitar alguns erros básicos de interpretação que desde logo deitam por terra a estruturação de uma tese, como abrir novos horizontes nas mais diversas áreas de arqueologia, desde a Arqueologia da Paisagem e Geoarqueologia ao estudo dos processos metalúrgicos e Arqueologia Económica. A identificação de minerais e rochas, bem como a sua datação, está hoje facilitada pela utilização de métodos geoquímicos com tecnologia e custos nem sempre acessíveis. Por outro lado, no trabalho de campo existem métodos expeditos e de fácil aplicação que permitem a identificação de rochas e minerais de forma satisfatoriamente rigorosa.

Nesta apresentação iremos, de uma forma prática e descontraída, rever e aplicar conhecimentos relativos à identificação de rochas e de minerais, com potencial aplicação na arqueologia, assim como descobrir alguns truques sobre como identificá-los.

Serão ainda explorados alguns casos práticos de interpretações erróneas que resultaram, não apenas de erros de descrição e interpretação de estruturas geológicas, como também da falta de interdisciplinaridade e comunicação entre as geociências e as arqueologias, que pouco a pouco começa a ser contrariada.

Os exemplos a abordar fazem um pequeno périplo por Portugal, mas não se restringem ao nosso país e centralizam-se no Geopark Naturtejo da Meseta Meridional, o primeiro geoparque a ser reconhecido pela UNESCO em 2006. Assim, os casos em estudo neste workshop permitirão reconstruir de modo teórico as paisagens geológicas mais importantes do geoparque, algumas das quais têm vindo a ser descobertas pelos

participantes do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova através de visitas de campo guiadas a alguns dos seus geomonumentos.

Análise química de artefactos *in situ*: potencialidades e exemplos de aplicação

José Mirão

José Mirão is a Geologist and Mineralogist Assistant Professor at the University of Evora specialized in mineralogy, geochemistry and solid state analytical techniques, especially microprobe and in-situ methods. His main areas of research have included the study of historical mortars and renders, mural paintings, archaeological ceramics and roman glasses and ancient tile glazes. Over the last years, he has been involved in the coordination of several research projects funded by FCT and to large European scientific facilities access. jmirao@uevora.pt



Resumo. Qualquer objecto arqueológico encerra em si informação sobre a sociedade que o produziu, comercializou e usou. Para extrair alguma dessa informação é possível usar técnicas e conhecimentos de outras áreas científicas (e.g. química, física, geologia, biologia). Se bem integrada em modelos arqueológicos, esta informação pode contribuir para incrementar o nosso conhecimento sobre as sociedades antigas.

No entanto, os objectos de património requerem cuidados acrescidos. Exigindo frequentemente técnicas não-intrusivas que permitam, por exemplo, obter a sua composição química sem qualquer dano para as peças.

A técnica de fluorescência de raios-X tem-se afirmado como uma técnica que permite resultados fiáveis, sem danos para as peças e operando *in-situ*. Durante esta tertúlia, os princípios do método serão apresentados de

uma forma simplificada, algumas potencialidades serão discutidas, recorrendo a exemplos e será realizado algum trabalho experimental.

Grabados rupestres de la provincia de Cáceres

António González Cordero

Doctor en Prehistoria y Arqueología, ejerce como profesor en el IES Zurbarán de Navalморal de la Mata, localidad donde desempeña el cargo de patrono de la Fundación-Museo Antonio Concha a la vez que coordina los Coloquios Históricos anuales que se desarrollan sobre dicha Comarca. Ha dirigido la catalogación del Arte Rupestre de la Alta Extremadura, así como la elaboración de distintas Cartas Arqueológicas de los términos municipales de Montánchez, Cáceres, Las Villueras y Campo Arañuelo. En esta última comarca ha coordinado también la realización del inventario del patrimonio Histórico-Artístico para el proyecto Leader.

Es director y coautor del Inventario Bibliográfico Arqueológico e Histórico de Extremadura. Publicado por la Junta de Extremadura en la Serie Extremadura Arqueológica IX. y de numerosas intervenciones editadas en Memorias del Museo de Cáceres. Ha dirigido y coeditado excavaciones arqueológicas en diversos yacimientos extremeños y en el campo de apoyo a proyectos de investigación ha colaborado con distintas Universidades españolas.

Es además autor de más de un centenar de publicaciones, con colaboraciones en las revistas más prestigiosas de España, tales como Trabajos de Prehistoria, Archivo Español de Arqueología, Saguntum, Zephyrus, Studia Zamorensia, Arqueología y Territorio Medieval, Anas, Revista de Arqueología, en revistas del ámbito regional y en revistas Internacionales tales como Madrider Mitteilungen, Journal Of Iberian Archaeology, Archeologie Islamique, Trabalhos de Arqueologia e Etnologia.

Resumo. Dentro de la comunidad extremeña, la provincia de Cáceres reúne la mayor cantidad y variedad de conjuntos del Arte Rupestre Postpaleolítico, sin embargo la historia de su hallazgo e investigación es relativamente reciente y dista mucho de haber concluido.

Desde las primeras catalogaciones que abordamos en los años ochenta hasta la fecha se ha superado la cifra de los cuatrocientos conjuntos. La imposibilidad de presentar todos y cada uno de ellos, nos obliga a realizar un ejercicio de síntesis donde trataremos en primer lugar de exponer la metodología que nos ha servido para abordar su estudio junto a la fórmula que nos ha permitido hacerlos distinguibles y clasificables, para a continuación ocuparnos a grandes rasgos de su sistematización, análisis y descripción de cada una de las estaciones que conforman los diferentes grupos de grabados.

El siguiente capítulo, abordamos el estudio comparativo de los conjuntos, partiendo de las posibles diferenciaciones para buscar paralelos más culturales que estilísticos, intentando contextualizarlos arqueológica y culturalmente. En este sentido nos arriesgamos a dar un significado a algunos de los elementos gráficos más usuales.

Incidimos especialmente en las cazoletas como una de las grafías de mayor frecuentación, deteniéndonos en su relación con el medio físico en el que se desenvuelven, su reparto dentro de unidades macroespaciales, delimitación de áreas según la agrupación y composición de los temas, y considerando la posibilidad de que establezcan, por sí mismos o en relación a otros grupos mensajes legibles.

Finalmente se buscará la posibilidad de otorgar una cronología a series de conjunto, especialmente aquellos que se hallan implicados en diseños territoriales o en aquellos que por su peculiar morfología ofrezcan tal posibilidad.



Geofísica aplicada à Arqueologia

António Correia

António Correia tem formação na área da Física e da Geofísica (Licenciatura em Física pela Universidade de Lisboa). Estudou, foi investigador e docente no Instituto de Geofísica da Universidade de Lausana (Suíça) e na Universidade de Alberta (Canadá) onde se doutorou em Geofísica. É Professor Associado com Agregação no Departamento de Física da Universidade de Évora (onde é regente das disciplinas de geofísica aplicada) e investigador no Centro de Geofísica de Évora. Desde 2001 tem desenvolvido atividade no domínio da arqueometria e da prospeção geofísica aplicada à arqueologia.

Resumo. Os métodos geofísicos constituem uma ferramenta importante em prospeção arqueológica. Na verdade, dependendo da escala da investigação arqueológica, a sua utilização é cada vez mais comum quer para estudos de detalhe de um dado sítio arqueológico ou para reconhecimento paisagístico ou ainda para planeamento de escavação.

A relação entre as leituras geofísicas realizadas à superfície do solo com os objetos arqueológicos enterrados é complexa e a interpretação dos resultados obtidos com equipamentos geofísicos, não sendo uma imagem simples e bem definida de objetos arqueológicos enterrados, requer uma interação e colaboração intensas entre geofísicos e arqueólogos.

A interpretação de dados geofísicos em contexto arqueológico requer, por isso, um grande conjunto de informações que vão desde fotografia aérea, mapas antigos, textos históricos e outras informações

disponíveis. Só assim será possível chegar a uma interpretação arqueológica com significado a partir de campanhas de prospeção geofísica.

Dentre os vários métodos geofísicos disponíveis os mais utilizados em arqueologia são o método magnético (perfis de intensidade magnética e susceptibilidade magnética), o método elétrico (perfis de resistência elétrica, de resistividade elétrica aparente e de tomografia de resistividade elétrica) e métodos eletromagnéticos (georadar).

Na apresentação são descritos os três métodos referidos recorrendo a exemplos de trabalhos de prospeção geofísica realizados em diferentes contextos arqueológicos. Os fundamentos teóricos elementares de cada um dos três métodos são, também, descritos bem assim como as suas limitações.

Geoarqueologia: noções gerais e o caso prático da Arqueossismologia

João Araújo Gomes

Mestre em Geografia Física e Ordenamento do Território, pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT/UL) em 2010. Licenciado em Arqueologia e História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2006, e bolseiro de Investigação Científica do LATTEX - Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa de 2006 até 2007. Coordenou diversas escavações arqueológicas em Portugal e Espanha e foi responsável pela análise e caracterização de sedimentos em muitas delas. É actualmente bolseiro de investigação de Doutoramento FCT e trabalha como investigador no Centro de Estudos Geográficos do IGOT – Universidade de Lisboa.

Resumo. Embora a própria palavra tenha vindo a alargar o seu significado, a Geoarqueologia, tratando da interligação entre as ciências da Terra e a Arqueologia e complementando as interpretações históricas com “geo-dados” e “geo-definições”, procura compreender as “interacções existentes entre os grupos humanos do passado e o ambiente à sua volta” (Angelucci, 2004:36).

Não existe uma definição inequívoca e consensual de Geoarqueologia nem deve ser aplicável devido às inúmeras Ciências geológicas (como a Petrologia, a Sedimentologia, a Estratigrafia, etc.) funcionarem como argumentos independentes nas diferentes possibilidades da interpretação geoarqueológica. Tentar definir Geoarqueologia como ciência individualizada, seria o mesmo que englobar os diferentes tempos arqueológicos num só conceito. Podemos chamar ciência à geoarqueologia desde que a entendamos como um conjunto de ciências cujo primeiro e último objectivo é contribuir para o aperfeiçoamento do registo arqueológico. É, no fundo, a aplicação dos princípios e técnicas das ciências da Terra para compreensão de contextos arqueológicos.

As abordagens geoarqueológicas podem não só ajudar os registos arqueológicos *a posteriori* (depois ou durante os trabalhos arqueológicos) mas também servir na fase de prospecção, compreendendo a formação do local e os processos deposicionais *a priori*. Este conhecimento multi-disciplinar pode ser aplicado em variados contextos e escalas. Pode abranger, por exemplo, questões de alteração da paisagem ou examinar as características de unidades estratigráficas num contexto microscópico desprezadas em ambiente de escavação isolado.

Daremos vários exemplos de trabalhos geoarqueológicos com especial atenção para uma área relativamente recente da geoarqueologia conhecida como Arqueossismologia. A Arqueossismologia pretende identificar eventos sísmicos da antiguidade e estudar os seus efeitos a partir dos registos que eles deixaram no contexto arqueológico (monumentos, estruturas antrópicas, estratificações arqueológicas, etc.), preenchendo assim o vazio existente entre o registo estratigráfico quaternário e as fontes documentais históricas, cujo alcance é limitado a poucos séculos. Neste trabalho, faz-se um apanhado geral do estado da arte da Arqueossismologia

internacional, focando os principais trabalhos desenvolvidos até agora, e dá-se a conhecer o estado actual da investigação nesta temática em Portugal Continental.

"Every archaeological problem starts as a problem in geoarchaeology." Colin Renfrew

6.10. Avaliação do CAPN 2014 pelos participantes

A coordenação do CAPN faz anualmente a avaliação de cada um dos campos arqueológicos que organiza.

Nessa avaliação o testemunho de cada participante é um elemento imprescindível para ajustamentos futuros. Para o efeito elaborou-se um questionário, de resposta rápida, de modo a recolher a informação considerada relevante.

Número de respostas esperadas: 34. Número de respostas registadas: 33. Não responderam a este questionário o director da escavação e os coordenadores de sector.

Os participantes tiveram conhecimento prévio dos conteúdos do questionário tendo recebido, por correio electrónico, uma versão pdf do referido documento.

Os participantes responderam através de plataforma on-line (google), criada para o efeito, nos dias 14 e 15 de Agosto de 2014, no caso do primeiro grupo, e nos dias 29 e 30 de Agosto, no caso do segundo grupo. A única participante que frequentou os dois períodos quinzenais respondeu ao questionário em cada um dos períodos de resposta considerados

As respostas tiveram uma amplitude variável, de 1 a 5 (1- não satisfaz; 2 – satisfaz pouco; 3 – satisfaz; 4 – satisfaz bastante e 5 – excelente). Pediu-se a cada participante para seleccionar a opção de resposta que melhor se adequava a cada tema. A média que abaixo registamos é o somatório dos valores que se encontram junto dos valores qualitativos, que vão de 1 a 5, divididos por 33, que é o número total das respostas.

Todos os comentários, observações e sugestões registadas pelos participantes na resposta ao questionário foram integrados neste relatório.

O inquérito foi elaborado por Francisco Henriques que também fez o tratamento das respostas agora documentadas. A aplicação google foi executada por Jorge Gouveia: <https://docs.google.com/forms/d/17uB7Jxntlu72G6rN5959VYsBIS4E7XTGQPJ3bJ69y7Y/viewform>

Tratamento das respostas

Verificamos que quase um terço dos participantes teve conhecimento (Quadro 1) do CAPN 2014 através de amigos ou outros arqueólogos, um quarto esteve presente no ano anterior, outro quarto através da web e 21% através da unidade de ensino que o aluno frequenta.

Quadro 1 – Como obteve conhecimento do CAPN 2014

Como obteve conhecimento do CAPN 2014	Nº respostas	% respostas
Esteve presente no ano anterior	8	24,24
Através da web	8	24,24
Através da unidade de ensino que frequenta	7	21,21
Através de amigos ou outros arqueólogos	10	30,30

No ano de 2013 houve um momento específico e formal de recepção dos participantes. Em 2014 este momento foi mais difuso. A questão seguinte (Quadro 2) foi direccionada para o local de recepção, respectivo horário e primeiros contactos. Os resultados obtidos estão registados no quadro seguinte.

Quadro 2 – Recepção: local, horário e primeiros contactos

RECEPÇÃO	Local		Horários		Primeiros contactos	
	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas
Não satisfaz (1)	0	0	0	0	0	0
Satisfaz pouco (2)	0	0	1	3,03	0	0
Satisfaz (3)	2	6,06	5	15,15	0	0
Satisfaz bastante (4)	11	33,33	12	36,36	6	18,18
Excelente (5)	20	60,60	15	45,45	27	81,81
Média	4,5		4,2		4,8	

No que concerne ao local da recepção verificamos que todas as respostas são positivas e que 93,93% são “satisfaz bastante” e “excelente”, proporcionando uma média nas respostas de 4,5 para um valor máximo de 5

O horário não atingiu o mesmo nível de satisfação, com uma média de 4,2. Há uma resposta negativa mas o somatório das respostas “satisfaz bastante” e “excelente” é elevado (81,81%).

Um dos intervenientes fez a seguinte observação: *“horário cansativo mas necessário”*, cremos, que o participante se esteja a referir ao horário de trabalho diário.

É avançada a sugestão de tornar os *“horários de recepção mais flexíveis”*.

Relativamente aos primeiros contactos a média é de 4,8 e todas as respostas estão calibradas entre o “satisfaz bastante” e “excelente”, com destaque para esta última opção com 81,81%.

Numa das respostas temos o seguinte comentário *“o primeiro contacto com as pessoas que recepcionam é fantástico. Colocam-nos logo à vontade com tudo e com todos, fazendo com que os primeiros dias e o processo de integração sejam mais “fáceis”*”.

Constatamos que não existem respostas negativas para qualquer das quatro refeições proporcionadas (Quadro 3). O pequeno-almoço e a refeição do meio da manhã obtêm uma média de 4,5 valores. O pequeno-almoço obteve 87,87% de respostas “satisfaz bastante” e “excelente” e o meio da manhã 93,93%.

Para o almoço e jantar as respostas obtêm a unanimidade de “satisfaz bastante” e “excelente”, com médias de 4,7 e 4,8, respectivamente.

O pequeno-almoço, o almoço e o jantar funcionaram em regime de *buffet*. A refeição do meio da manhã era preparada pelos próprios, durante o pequeno-almoço, e reforçada no campo com fruta e bolachas.

Quadro 3 – Quantidade da alimentação ao pequeno-almoço, a meio da manhã, ao almoço e ao jantar

Alimentação QUANTIDADE	Pequeno-almoço		Meio da manhã		Almoço		Jantar	
	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas
Não satisfaz (1)	0	0	0	0	0	0	0	0
Satisfaz pouco (2)	0	0	0	0	0	0	0	0
Satisfaz (3)	4	12,12	2	6,06	0	0	0	0
Satisfaz bastante (4)	7	21,21	7	21,21	9	27,27	8	24,24
Excelente (5)	22	66,66	24	72,72	24	72,72	25	75,75
Média	4,5		4,5		4,7		4,8	

Quadro 4 – Qualidade da alimentação ao pequeno-almoço, a meio da manhã, ao almoço e ao jantar

Alimentação QUALIDADE	Pequeno-almoço		Meio da Manhã		Almoço		Jantar	
	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas
Não satisfaz (1)	0	0	0	0	0	0	0	0
Satisfaz pouco (2)	2	6,06	0	0	0	0	0	0
Satisfaz (3)	4	12,12	1	3,03	1	3,03	1	3,03
Satisfaz bastante (4)	8	24,24	10	30,30	11	33,33	11	33,33
Excelente (5)	19	57,57	22	66,66	21	63,63	21	63,63
Média	4,3		4,6		4,6		4,6	

Acerca da qualidade da alimentação (Quadro 4), e considerando todas as refeições, verificamos que apenas duas pessoas consideram “satisfaz pouco” o pequeno-almoço, todas as restantes dão notas positivas a todas as refeições. Das quatro refeições, o pequeno-almoço é o que apresenta também média mais baixa (4,3). Contudo, 81,81% dos participantes consideram o pequeno-almoço “satisfaz bastante” e “excelente”.

Um participante comentou: *“pequeno-almoço fraco e limitado”*.

A média das restantes refeições é de 4,6.

As refeições do meio da manhã, almoço e jantar atingem 96,96% dos inquiridos nas opções “satisfaz bastante” e “excelente”.

Um dos participantes afirmou que o *“o pão não é de boa qualidade”*, não se referindo a que refeição. O pão servido ao almoço e ao jantar teve características diferentes do que foi servido nas duas refeições matinais.

Quadro 5 – Horário das refeições

Alimentação HORÁRIO	Pequeno-almoço		Meio da Manhã		Almoço		Jantar	
	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas
Não satisfaz (1)	0	0	0	0	0	0	0	0
Satisfaz pouco (2)	1	3,03	0	0	0	0	0	0
Satisfaz (3)	7	21,21	2	6,06	7	21,21	2	6,06
Satisfaz bastante (4)	9	27,27	8	24,24	8	24,24	8	24,24
Excelente (5)	16	48,48	23	69,69	18	54,54	23	69,69
Média	4,2		4,6		4,3		4,6	

Em relação às quatro refeições do universo de inquiridos há apenas uma pessoa que qualifica negativamente o horário do pequeno-almoço, com a opção “satisfaz pouco” (Quadro 5). O pequeno-almoço era tomado às 6.30 horas, talvez seja esta a explicação. É também esta refeição que obtém a média mais baixa (4,2) em termos de horário.

Acerca do almoço sete inquiridos (21,21%) consideram que o horário “satisfaz”, provavelmente devido à hora mais tardia em que era tomado (14.30 horas). Todos os restantes se distribuem por “satisfaz bastante” (24,24%) e “excelente” (69,69%). A média é 4,3.

A média das duas refeições (meio da manhã e jantar) servidas a horas mais habituais sobe para 4,6.

O horário foi comentado com o seguinte registo “*jantar demasiado tarde*” e uma sugestão que defende que “*no jantar na Figueira penso que a visita deveria ser antes de forma a respeitar uma hora de recolher por volta das 22 horas*”.

Quadro 6 – Transporte para a escavação e visitas de estudo

TRANSPORTE	Para escavação e ao fim da manhã		Visitas de estudo	
	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas
Não satisfaz (1)	0	0	0	0
Satisfaz pouco (2)	0	0	0	0
Satisfaz (3)	0	0	1	3,03
Satisfaz bastante (4)	5	15,15	7	21,21
Excelente (5)	28	84,84	25	75,75
Média	4,8		4,7	

Exceptuando uma resposta com “satisfaz”, todas as restantes se incluem nos itens de “satisfaz bastante” e “excelente”, o que revela o elevado grau de satisfação dos participantes. Esta satisfação é também revelada nas médias obtidas de 4,8 no transporte para a escavação e 4,7 para as visitas de estudo (Quadro 6).

Um dos participantes sugeriu a implementação de *“um sistema de fichas individuais que funcionava como forma de controlar se haveria gente ainda no seminário, nas saídas para o campo e para o almoço, etc. E ainda poderiam por um secção de enriquecimento vocabular onde punham imagem dos objetos e de trabalho e pedir para livremente dar outros nomes como regionalismo de outras línguas etc”*.

Quadro 7 – Alojamento: quarto, cama, wc/banho e hora de silêncio

ALOJAMENTO	Quarto		Cama		WC/banho		Hora de silêncio	
	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas
Não satisfaz (1)	0	0	0	0	2	6,06	0	0
Satisfaz pouco (2)	0	0	4	12,12	7	21,21	0	0
Satisfaz (3)	7	21,21	11	33,33	5	15,15	1	3,03
Satisfaz bastante (4)	13	39,39	8	24,24	10	30,30	13	39,39
Excelente (5)	13	39,39	10	30,30	9	27,27	19	57,57
Média		4,2		3,7		3,5		4,5

O item Quarto (Quadro 7) obtém nota positiva de todos os participantes, mas 21,21% de respostas corresponde a “satisfaz”. Os valores de “satisfaz bastante” e “excelente” atingem a cifra de 78,78%. A média é de 4,2. Um dos participantes fez o seguinte comentário: *“o quarto tem boas dimensões e serve bem para as necessidades de cada um”*.

Na avaliação da Cama a média desce para 3,7 e quatro participantes (12,12%) dão nota negativa. Ainda assim, 54,54% considera-a como “satisfaz bastante” e “excelente”. O mesmo inquirido que fez o comentário anterior acrescenta: *“no entanto as camas cham bastante quando as pessoas se deitam”*. Um outro participante fez um comentário que vem na linha do anterior: *“as camas são muito antigas e acabam por ranger muito o que perturba a qualidade de sono dos colegas de camarata”*.

O resultado das respostas relativas a WC / banhos é fraca, relativamente a outras áreas avaliadas, com uma média de 3,5 e 27,27% de avaliações negativas, embora 57,57% dos utentes a considerem com valores de “satisfaz bastante” e “excelente”. O sujeito dos comentários anteriores acrescenta: *“já em questões do banho, este segue o mesmo processo. Este possui muita pouca pressão, fazendo com que quase não saia água, o que após um dia de trabalho não ajuda em muito a tirar o sujo”*.

Um outro participante fez o seguinte comentário: *“relativamente aos banhos, do lado das raparigas, os duches disponíveis são poucos e, invariavelmente, existe pouca pressão assim como inconstância na temperatura da água”*.

Um terceiro inquirido comentou: *“água quente e pressão na água”*.

Um outro participante aproveitou este item para comentar: *“toalhas mal lavadas”*.

Com a hora de silêncio a satisfação é elevada. A média atinge 4,5 e o somatório dos valores “satisfaz bastante” e “excelente” corresponde a 96,96% das respostas.

Para colmatar a situação negativa, relativa aos WC / banhos, e devido ao menor número de rapazes, no segundo turno houve troca de camaratas, WC e banhos. Assim, os rapazes ficaram instalados no lado sul do Seminário e as raparigas no lado norte. Esta medida surtiu efeito porque a avaliação deste item melhorou consideravelmente no segundo turno.

Quadro 8 – Visitas de Estudo: interesse científico, guias e duração

VISITAS DE ESTUDO	Interesse científico		Guias		Duração	
	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas
Não satisfaz (1)	0	0	0	0	0	0
Satisfaz pouco (2)	0		0	0	0	0
Satisfaz (3)	0	0	0	0	0	
Satisfaz bastante (4)	7	21,21	7	21,21	13	39,39
Excelente (5)	26	78,78	26	78,78	20	60,60
Média		4,79		4,79		4,61

Os itens de avaliação das visitas de estudo (interesse científico, guias e duração) não suscitam comentários significativos tendo os valores apresentados e respectivas médias de 4,79 e 4,61 (Quadro 8). As respostas estão incluídas nos valores de “satisfaz bastante” e “excelente”.

Um dos participantes fez a seguinte sugestão: *“este ano es mejor que tengamos dos tardes de descanso y concentradas las visitas. Incluiría nuevos sitios que visitar.”*

Quadro 9 – Palestras: tema, oradores / exposição e duração

PALESTRAS	Tema		Oradores / exposição		Duração	
	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas
Não satisfaz (1)	0	0	0	0	0	0
Satisfaz pouco (2)	0	0	0	0	1	3,03
Satisfaz (3)	1	3,03	2	6,06	4	12,12
Satisfaz bastante (4)	7	21,21	6	18,18	9	27,27
Excelente (5)	25	75,75	25	75,75	19	57,57
Média		4,73		4,70		4,39

A avaliação do tema das palestras (Quadro 9) é muito positiva, com a média 4,73. Os valores de “satisfaz bastante” e “excelente” somam 96,96%. Um dos participantes comentou: *“temas muito interessantes, em ambos os itens. As próprias pessoas e oradores preocupam-se bastante em passar conhecimento aos outros”*. Um outro sugere que os temas deveriam também versar *“trabalhos práticos como a lavagem de materiais (caso existam), inventariação, marcação, desenho etc.”*. Um terceiro elemento sugere a implementação de *“sessões de arqueologia experimental onde os voluntários possam participar”*.

Quadro 10 – Práticas de campo: horário, material de trabalho e tarefas executadas

PRÁTICAS DE CAMPO	Horário		Material de trabalho		Tarefas executadas	
	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas	Nº respostas	% respostas
Não satisfaz (1)	0	0	0	0	0	0
Satisfaz pouco (2)	1	3,03	0	0	0	0
Satisfaz (3)	4	12,12	3	9,09	2	6,06
Satisfaz bastante (4)	13	39,39	10	30,30	11	33,33
Excelente (5)	15	45,45	20	60,60	20	60,60
Média	4,27		4,52		4,55	

O trabalho de campo iniciava-se às 6.30 horas. Tinha um intervalo a meio da manhã e terminava às 13.30 horas.

Na avaliação do horário (Quadro 10) existe uma única resposta negativa (satisfaz pouco). Verificamos também que a média é de 4,27 e 84,84% das avaliações atinge “satisfaz bastante” e “excelente”.

Um dos participante sugeriu que: *“a única coisa que se podia mudar era a tarde livre, que se fosse possível devia ser ao sábado.”*

Para o material de trabalho não existem notas negativas, a média é de 4,52 e as avaliações com nível de “satisfaz bastante” e “excelente” atingem 90,90% das respostas.

Para as tarefas executadas pelos participantes também não temos notas negativas. A média é de 4,55 e o somatório das percentagens das avaliações com “satisfaz bastante” e “excelente” é de 93,93%.

No conjunto de itens (Quadro 11) que continuam a avaliar a prática de campo (modelo de coordenação, divisão por grupos de trabalho, relação com o coordenador(es), disponibilidade do coordenador(es) para formar / informar; disponibilidade do coordenador para proporcionar autonomia) verificamos não existirem valores negativos. As médias são relativamente elevadas. A média mais baixa é de 4,73 no modelo de coordenação mas atinge o valor de 4,88 na disponibilidade do coordenador(es) para formar / informar. O somatório das percentagens das avaliações com “satisfaz bastante” e “excelente” atinge quase 100%.

Quadro 11 – Práticas de campo: modelo de coordenação, divisão por grupos de trabalho, relação com o coordenador(es), disponibilidade do coordenador(es) para formar / informar; disponibilidade do coordenador para proporcionar autonomia

PRÁTICAS DE CAMPO	Modelo de coordenação		Divisão por grupos de trabalho		Relação com o coordenador(es)		Disponibilidade do coordenador(es) para formar / informar		Disponibilidade do coordenador para proporcionar autonomia	
	Nº resp.	% resp.	Nº resp.	% resp.	Nº resp.	% resp.	Nº resp.	% resp.	Nº resp.	% resp.
Não satisfaz (1)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Satisfaz pouco (2)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Satisfaz (3)	1	3,03	1	3,03	0	0	0	0	0	0
Satisfaz bastante (4)	7	21,21	3	9,09	6	18,18	4	12,12	7	21,21
Excelente (5)	25	75,75	29	87,87	27	81,81	29	87,87	26	78,78
Média	4,73		4,85		4,82		4,88		4,79	

Quadro 12 – Práticas de campo: técnica de escavação; relação com outros participantes; participação de elementos de várias instituições de ensino; participação de elementos de vários países; aprendizagem realizada

PRÁTICAS DE CAMPO	Técnica de escavação		Relação com outros participantes		Participação de elementos de várias instituições de ensino		Participação de elementos de vários países		Aprendizagem realizada	
	Nº resp.	% resp.	Nº resp.	% resp.	Nº resp.	% resp.	Nº resp.	% resp.	Nº resp.	% resp.
Não satisfaz (1)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Satisfaz pouco (2)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Satisfaz (3)	2	6,06	1	3,03	0	0	0	0	1	3,03
Satisfaz bastante (4)	7	21,21	7	21,21	9	27,27	5	15,15	7	21,21
Excelente (5)	24	72,72	25	75,75	24	72,72	28	84,84	25	75,75
Média	4,73		4,85		4,82		4,88		4,79	

Quadro 13 – Práticas de campo: organização geral do campo e colaboração da Câmara Municipal de Proença-a-Nova

PRÁTICAS DE CAMPO	Organização geral do campo		Colaboração da Câmara Municipal de Proença-a-Nova	
	Nº resp.	% resp.	Nº resp.	% resp.
Não satisfaz (1)	0	0	0	0
Satisfaz pouco (2)	0	0	0	0
Satisfaz (3)	1	3,03	0	0
Satisfaz bastante (4)	6	18,18	4	12,12
Excelente (5)	26	78,78	29	87,87
Média	4,76		4,88	

Para os itens dos quadros 11 e 12 (técnica de escavação; relação com outros participantes; participação de elementos de várias instituições de ensino; participação de elementos de vários países; aprendizagem realizada) não existem avaliações negativas. As médias são elevadas e variam entre 4,73, na técnica de escavação e 4,88, no que concerne à presença participantes de vários países. O somatório das percentagens das avaliações com “satisfaz bastante” e “excelente” varia entre 93,93% (técnica de escavação) e 100% (participação de elementos de várias instituições de ensino e participação de elementos de vários países).

Pela sua importância destacamos o elevado nível obtido na avaliação do item *aprendizagem realizada* cuja média atinge 4,79 e o somatório das percentagens das avaliações com “satisfaz bastante” e “excelente” é de 96,96%.

Nestes dois itens verifica-se a ausência de avaliações negativas. As médias continuam elevadas com 4,76 para a organização geral do campo e 4,88 para a colaboração da Câmara Municipal de Proença-a-Nova. O somatório das percentagens das avaliações com “satisfaz bastante” e “excelente” é de 96,96% e 100% para a colaboração com a Câmara de Proença-a-Nova.

O conjunto de itens que constituem as práticas de campo gerou o maior conjunto de observações / sugestões, que se transcrevem.

“Penso que a prática de campo que foi realizada, no caso prospeção devia ser repensada sendo que existiu alguma descordenação.”

“Creo que sería interesante realizar una prospección manejando GPS u otros elementos para nuestro aprendizaje. Por lo general este ano tenemos más autonomia a la hora del trabajo de campo. Igual que el ano anterior he quedado muy contenta com todo el equipo y los aprendizajes.”

“Faltava mais algumas dicas quanto ao modo de escavar”

“Ensinar aos participantes a desenhar.”

“Crivos suspensos tornariam o trabalho mais rápido e eficaz.”

“Dar uma pequena explicação no início da escavação a fim de iniciantes conhecerem o material e qualquer elemento arqueológico.”

“Na prática de campo, podíamos experimentar mais algumas bases sobre registo de fichas de campo. No início da campanha, podia-se fazer uma pequena demonstração sobre possíveis peças a serem encontradas na escavação para ser mais fácil a distinção das mesmas em campo.”

“Em experiência pessoal creio que esta foi de longe a melhor campanha que participei. Desde a disponibilidade de ajudar e explicar e até mesmo ensinar os outros, até aos próprios membros da Câmara, e outras entidades, interessaram-se pelo trabalho e pelo bem-estar de todos, é fantástico. Só por isto vale bem muito a pena integrar a equipa de trabalho”.

O penúltimo comentário não corresponde ao ocorrido uma vez que foi proporcionado o contacto dos participantes com o tipo de materiais arqueológicos de ocorrência habitual nos monumentos que foram escavados no decurso do CAPN 2014.

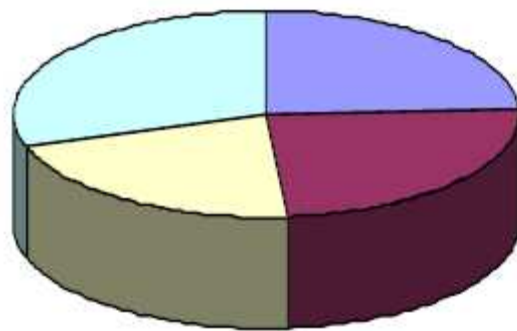
No que concerne à apreciação geral e global do CAPN (Quadro 14) as respostas manifestam um elevado grau de satisfação. A média atingiu 4,7 e o somatório das percentagens das avaliações com “satisfaz bastante” e “excelente” é de 100%.

Fechamos esta avaliação transcrevendo a apreciação de um dos participantes: *“congratulo bastante a organização do CAPN, pelo magnifico modelo de campo, desde a recepção, ao acolhimento, à formação fornecida aos participantes bem como pelas palestras, todas de enorme interesse científico. Muito obrigada por esta magnífica experiência, que nos proporcionaram!”*

Quadro 14 – Apreciação global do CAPN 2014

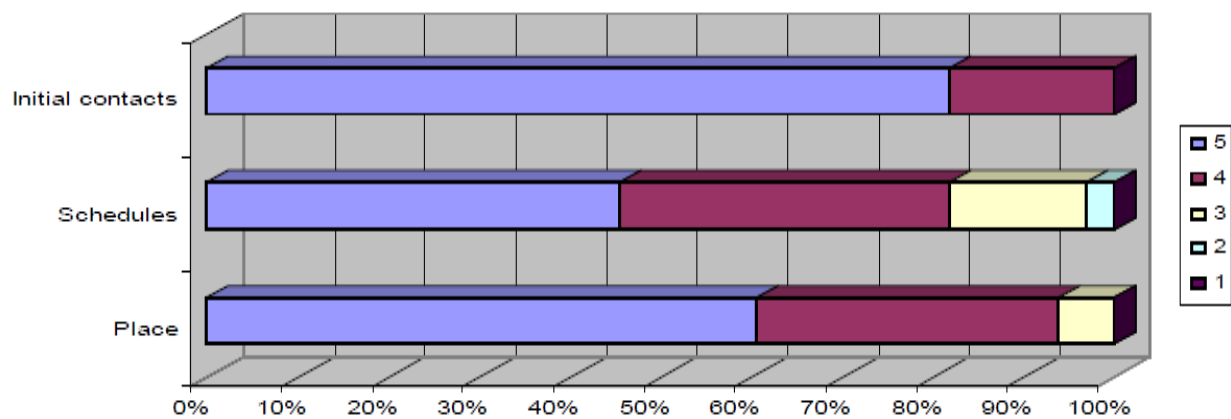
APRECIAÇÃO GLOBAL		
DO CAPN 2014	Nº resp.	% resp.
Não satisfaz (1)	0	0
Satisfaz pouco (2)	0	0
Satisfaz (3)	0	0
Satisfaz bastante (4)	10	30,30
Excelente (5)	23	69,69
Média	4,7	

1 - How did you find out about the CAPN 2014?



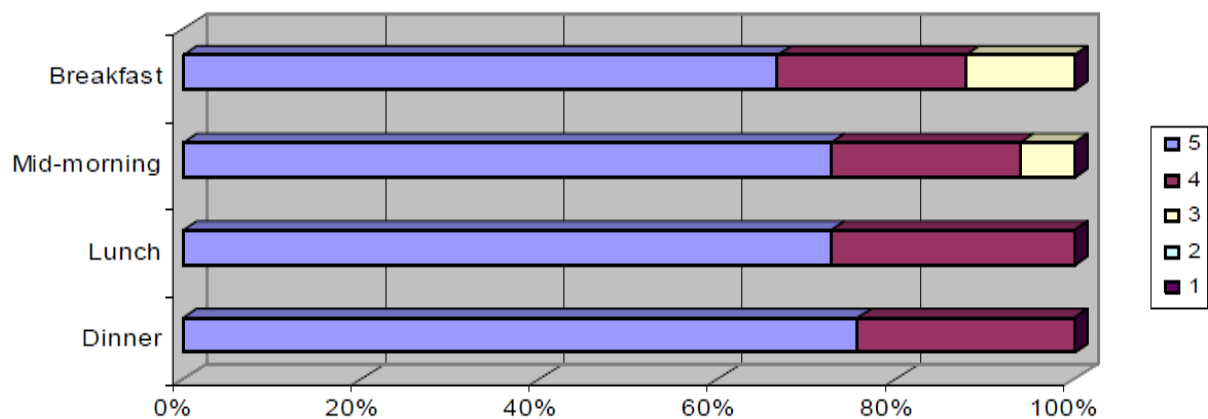
- Participated the previous year (24%)
- On the web (24%)
- Through school or university (2%)
- Through friends or other archaeologists (30%)

2 - Reception: location, schedules and initial contacts



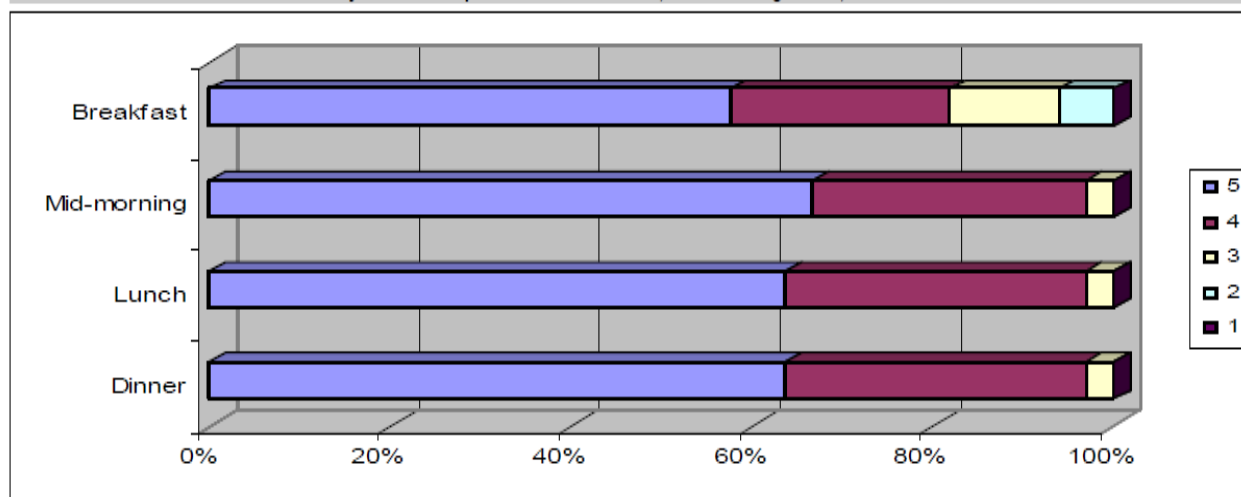
Extremely satisfied (5). Quite satisfied (4). Satisfied (3). Not very satisfied (2). Very dissatisfied (1).

3 - Amounts of food provided for breakfast, mid-morning snack, lunch and dinner



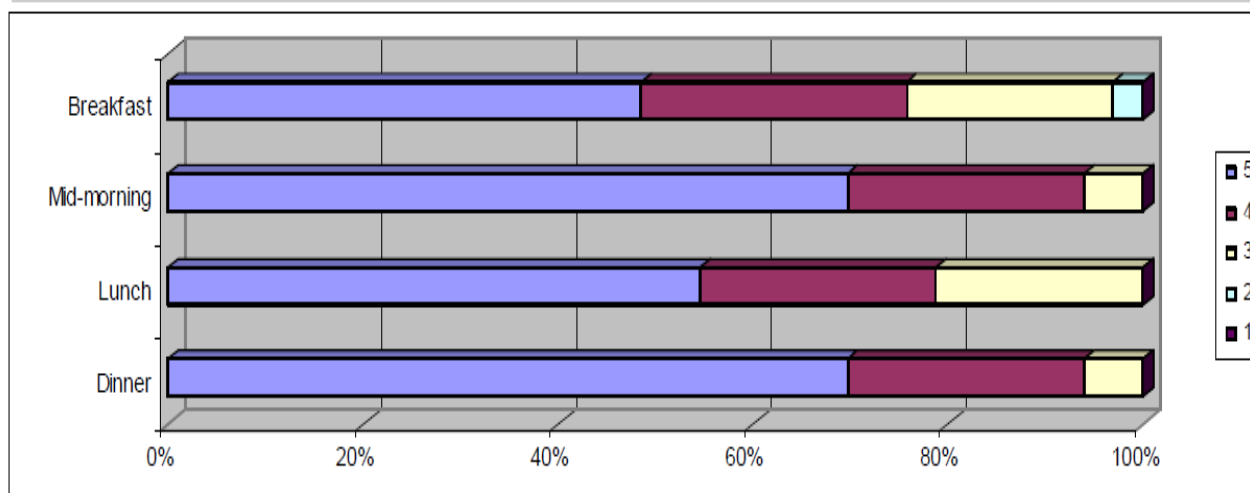
Extremely satisfied (5). Quite satisfied (4). Satisfied (3). Not very satisfied (2). Very dissatisfied (1).

4 - Quality of the food provided for breakfast, mid-morning snack, lunch and dinner



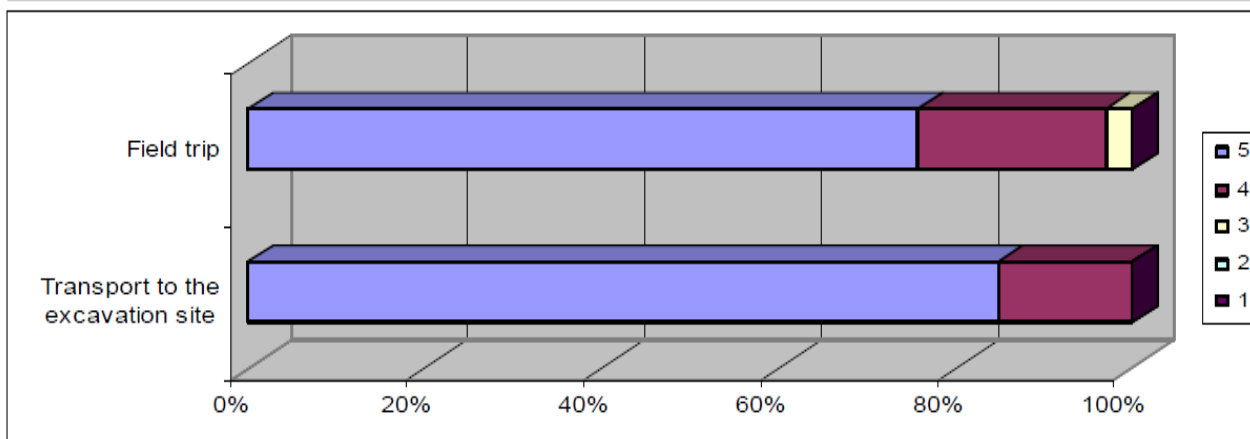
Extremely satisfied (5). Quite satisfied (4). Satisfied (3). Not very satisfied (2). Very dissatisfied (1).

5 - Meal hours



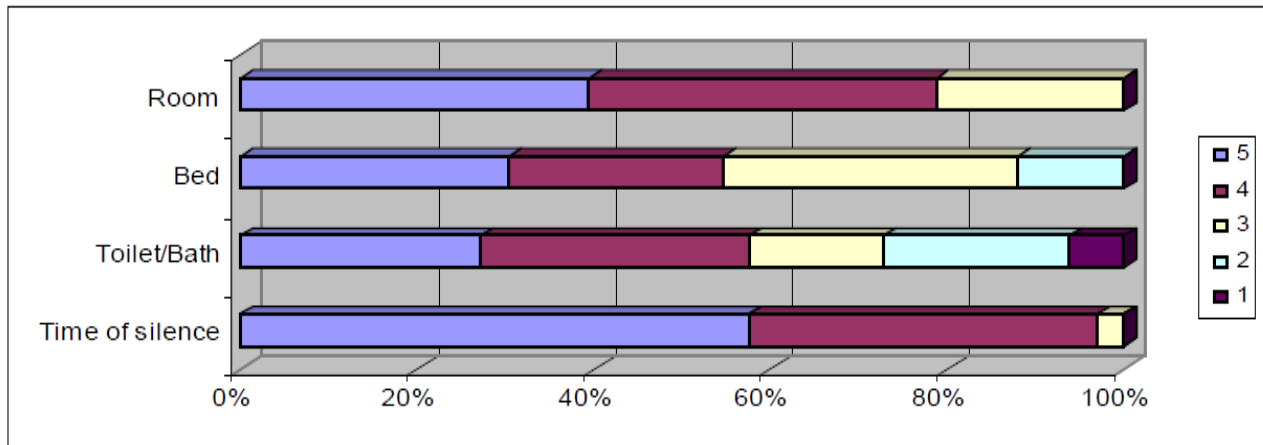
Extremely satisfied (5). Quite satisfied (4). Satisfied (3). Not very satisfied (2). Very dissatisfied (1).

6 - Transport to the excavation site and field trip



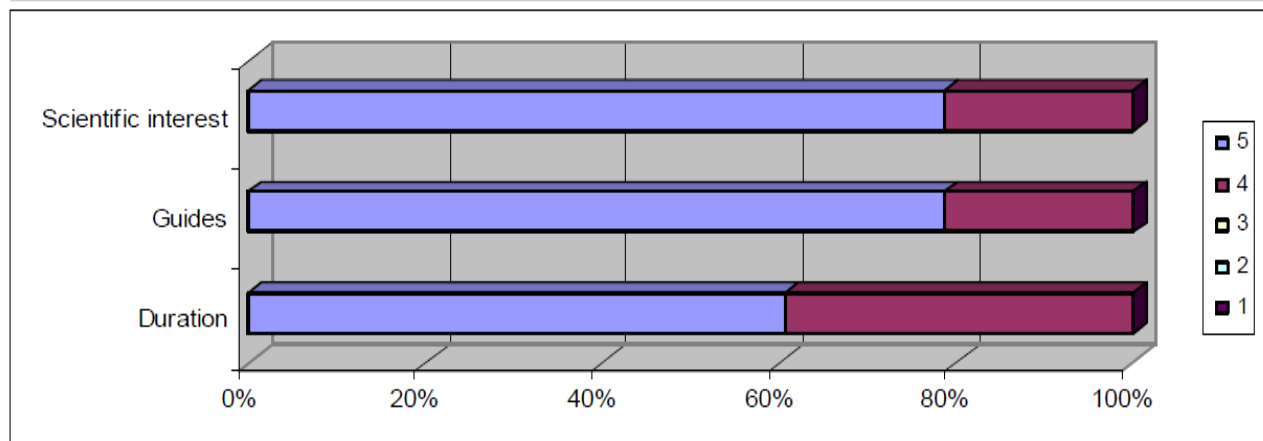
Extremely satisfied (5). Quite satisfied (4). Satisfied (3). Not very satisfied (2). Very dissatisfied (1).

7 - Accommodation: bedroom, bed, toilet / bath and time of silence



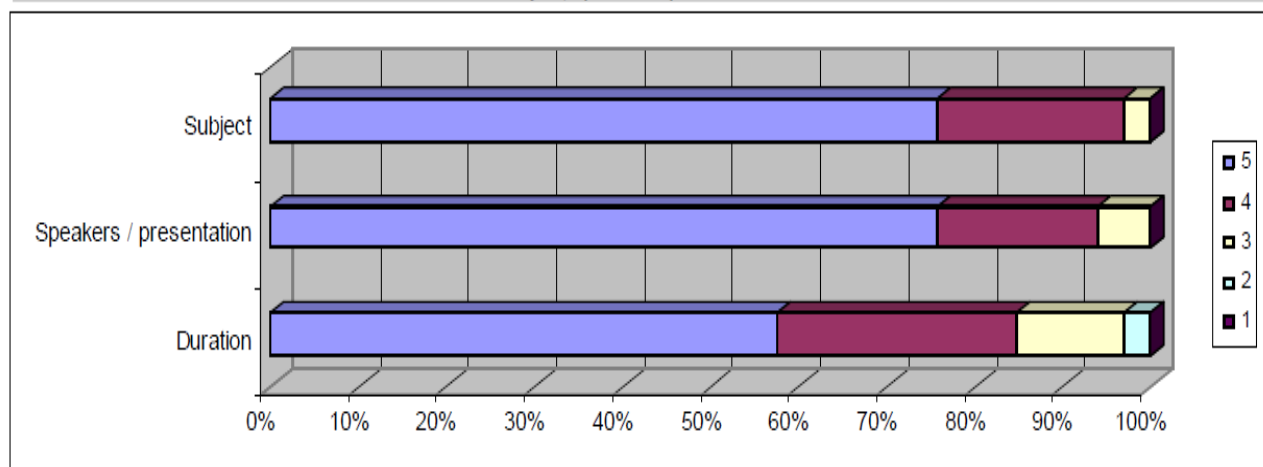
Extremely satisfied (5). Quite satisfied (4). Satisfied (3). Not very satisfied (2). Very dissatisfied (1).

8 - Field trips: scientific interest, guides and duration



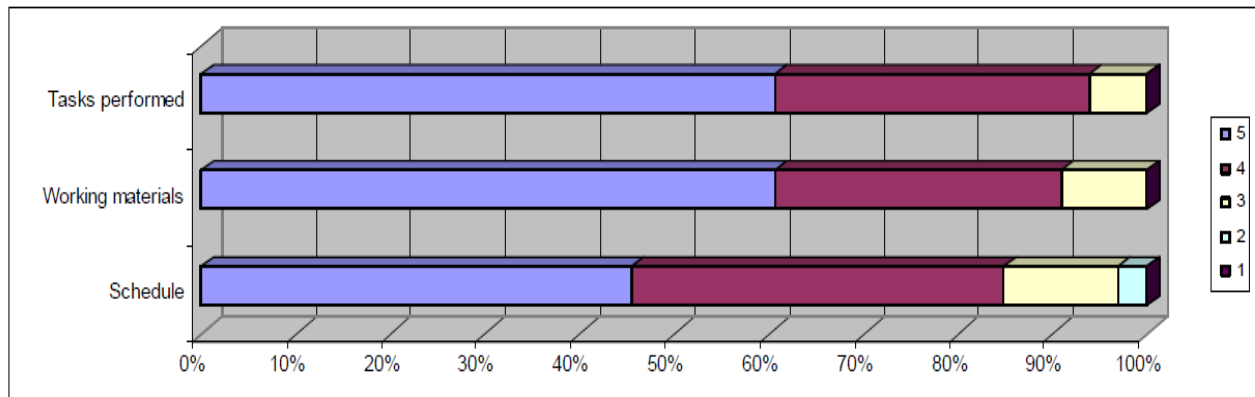
Extremely satisfied (5). Quite satisfied (4). Satisfied (3). Not very satisfied (2). Very dissatisfied (1).

9 - Lectures: subject, speakers / presentation and duration



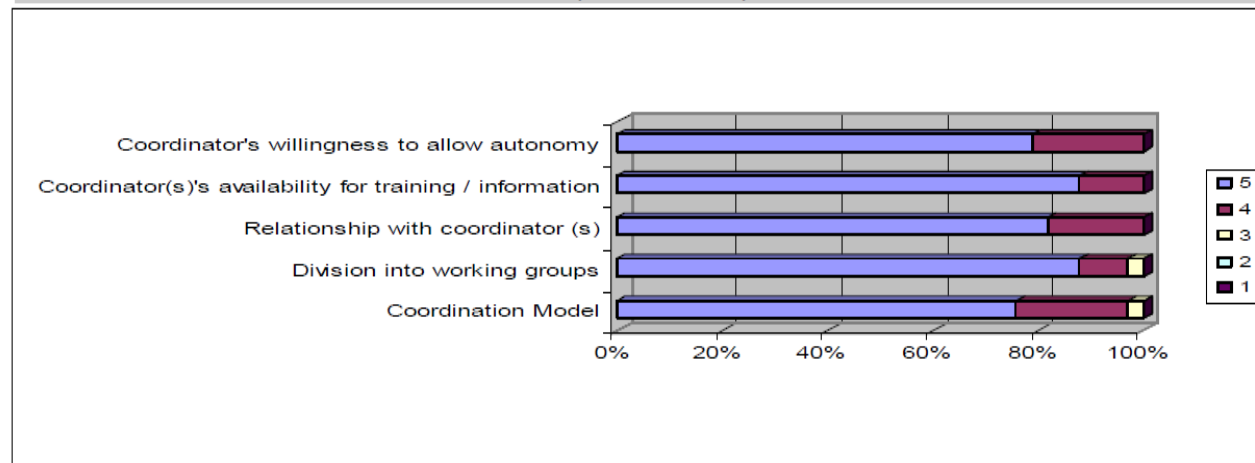
Extremely satisfied (5). Quite satisfied (4). Satisfied (3). Not very satisfied (2). Very dissatisfied (1).

10 - Field practices: schedule, working materials and tasks performed



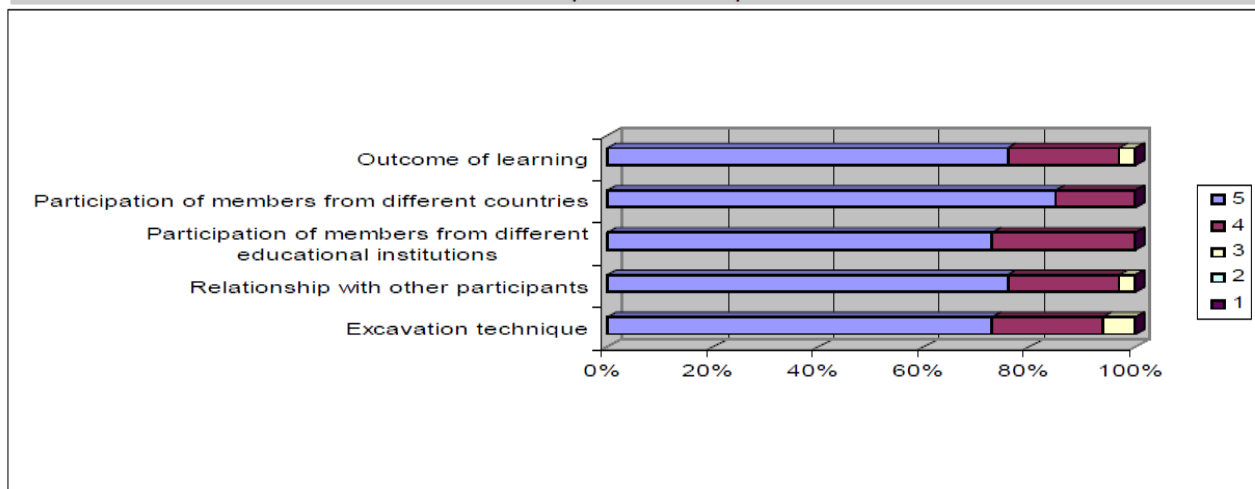
Extremely satisfied (5). Quite satisfied (4). Satisfied (3). Not very satisfied (2). Very dissatisfied (1).

11 - Field practices: other aspects



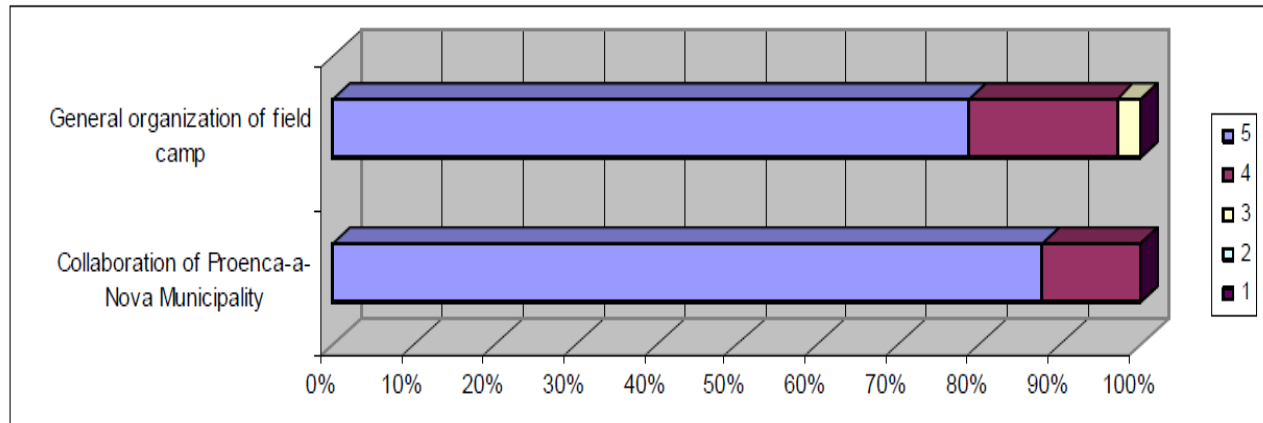
Extremely satisfied (5). Quite satisfied (4). Satisfied (3). Not very satisfied (2). Very dissatisfied (1).

12 - Field practices: other aspects



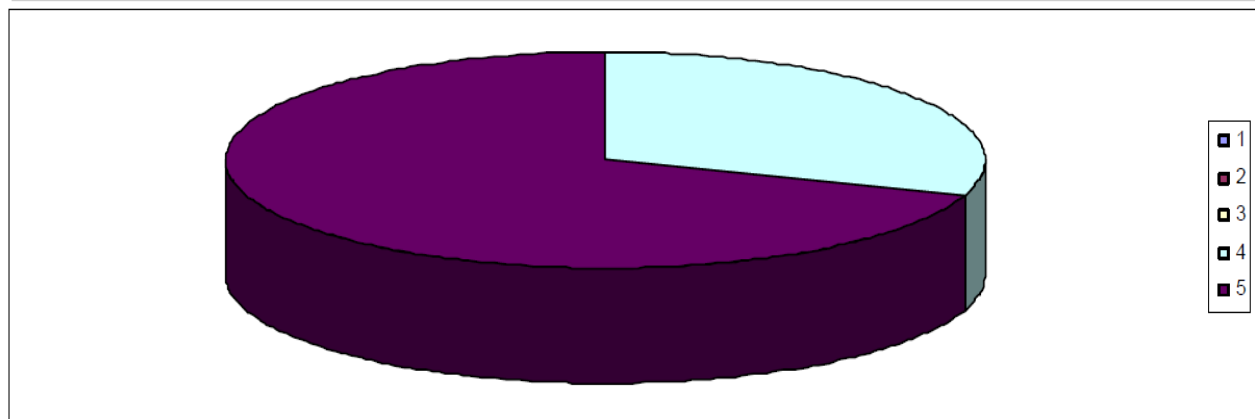
Extremely satisfied (5). Quite satisfied (4). Satisfied (3). Not very satisfied (2). Very dissatisfied (1).

13 - Field practices: general organization and collaboration of Proenca-a-Nova Municipality



Extremely satisfied (5). Quite satisfied (4). Satisfied (3). Not very satisfied (2). Very dissatisfied (1).

14 - Overall assessment of CAPN 2014



Extremely satisfied (5). Quite satisfied (4). Satisfied (3). Not very satisfied (2). Very dissatisfied (1).